

ANTONIO MAIA

Breve História das Congregações Marianas



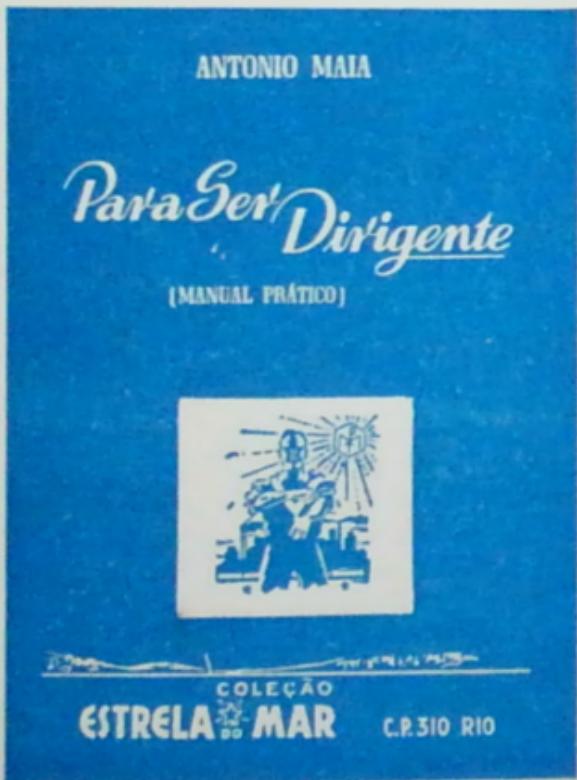
COLEÇÃO
ESTRELA DO MAR

C.P. 310

"PARA SER DIRIGENTE"

Manual prático de orientações sobre a organização do movimento mariano brasileiro. Dêle disse o Secretariado Central das CC.MM.: "... o autor com muita prática adquirida em 24 anos de movimento mariano transmite sua larga experiência a todos aqueles que podem e querem ajudar os PP. Diretores na formação das CC.MM. Escreve baseando-se em ótimos livros, na leitura de muitos documentos e com grande experiência.

"O livro possui outra qualidade digna de louvor: a simplicidade do estilo. Nada contém que exija alto nível intelectual. A esta qualidade se há de acrescentar a sinceridade que aponta os defeitos mais freqüentes nas CC.MM., indicando os remédios que podem ser aplicados."



ANTONIO MAIA

BREVE HISTÓRIA DAS
CONGREGAÇÕES MARIANAS



COLEÇÃO
ESTRÉLA DO MAR
Órgão Oficial das CC. MM. do Brasil
Caixa Postal, 310 — RIO DE JANEIRO

— G B —

NIHIL OBSTAT

P. Franciscus Leme Lopes, S. J.

Censor ad hoc

IMPRIMATUR

Ex commissione Emmi Card. Archiepiscopi

P. Josephus da Fronha Gentil, S. J.

Flumine Januário, 25-3-1961

15 Abril 1961

À Honra Nossa Senhora em Cristo Congregação Mariana

Antônio Mala

Representante Geral da Congregação em Moçambique Mariana

1961

Com muita satisfação veio de ler a "Reitoria Geral das Congregações Marianas" que o Senhor doce preparado para o dia 15 de Abril de 1961, de modo, que celebrarão em 1961.

Porém a Sagrada Virgem que lhe concedeu tão felicis inspiração e ajuda o encoraja a levá-la a seu termo, dentro da "Plano Trienal Mariana" que este Conselho Regional, se reuniu com o Bispo da Mariana Brasileira, para pondo em prática.

O encerramento da História das CC.MM. - mesmo em forma de recomendação a todos - marcará seu encerramento das congregações e desfecho de ares cada vez maiores, sentimento a intida consciência em que pertencem a um movimento levado por bons Papas e pessoas - no mais variado setor da atividade humana.

O autor, Antônio Mala - já de longa data Secretário Geral da Conselho Regional Brasileiro das CC.MM. do Brasil - procura com o presente expressar mais uma vez GRAVEMENTE que esse encerramento é algo natural.

De frases de seu trabalho não se fizesse emprestar porque é assim que a Virgem Maria, costuma prestar as que a servem tão bem vestida. E sobreas alegrias não devem ser as congregações Marianas Brasileiras, que tão belas exemplos têm em seguidas da mesma História das CC.MM., seguidas de modo se becos malares contadas desde o começo a mostrar-se especializadas a seu tempo.

Portanto, entrego Felicitacões ao autor e encorajo-o nesse tempo a nova etapa, iniciativa a todos as congregações e CC.MM. do Brasil.

Respeito ao Presidente Mundial das CC.MM.

"Fac-símile" da carta de apreciação e bênção de Sua Excel. Revdmo. D. José Félix Gawlina, DD. Diretor da Federação Mundial das CC. MM. a quem agradecemos de todo o coração por tão insigne honra. (Vide transcrição no verso).

Roma, 13 abril 1961

A nosso amado em Cristo congregado mariano

Antonio Maia

Secretário Geral da Confederação das Congregações Marianas

Ave Maria!

Com muita satisfação acabo de ler a "Breve História das Congregações Marianas" que redigiu como preparação para o quarto centenário das CC.MM. no mundo, que celebraremos em 1963.

Bendigo a Santíssima Virgem que lhe concedeu tão feliz inspiração e o ajudou eficazmente a levá-la a bom termo, dentro do "Plano Trienal Mariano" que essa Confederação Nacional, de acordo com o Venerável Episcopado Brasileiro, está pondo em prática.

O conhecimento da história das CC.MM. — mesmo em forma tão resumida como a do opúsculo — suscitará nos corações dos congregados o desejo de serem cada vez melhores, se tomarem a devida consciência de que pertencem a um movimento louvado por tantos Papas e pessoas dos mais variados setores da atividade humana.

O autor, Antonio Maia — já há longos anos Secretário Geral da Confederação Nacional das CC.MM. do Brasil — procura com o presente opúsculo mais uma vez SERVIR aos seus irmãos de fita azul.

Os frutos do seu trabalho não se farão esperar porque é assim que a Virgem SSma. costuma premiar os que a servem com boa vontade. E nossos augúrios são de que os congregados marianos brasileiros, que tão belos exemplos têm consignados na mesma história das CC.MM., seguindo na senda de nossos maiores continuem decididamente a mostrar-se apostólicos e bem formados.

Portanto, enviamos felicitações ao autor e concedemos-lhe ao mesmo tempo nossa bênção, extensiva a todos os congregados e CC.MM. do Brasil.

† JOSEPHUS FELIX GAWLINA

Diretor da Federação Mundial das CC. MM

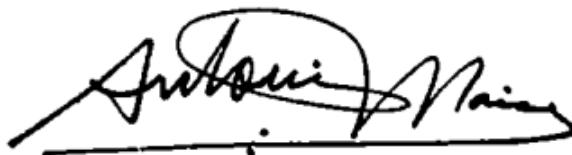
PRÓLOGO

Não pudemos refrear o desejo de uma pequena contribuição para o 4.º centenário das CC.MM., no mundo, a comemorar-se em 1963, e quando nos preparamos para esta efeméride o "Plano Trienal Mariano".

E verificando não existir no Brasil, atualmente, uma obra — por pequena que fosse — sobre a história do nosso movimento, nos atrevemos espremer nestas poucas páginas 4 séculos gloriosos de marianismo.

Como não poderia deixar de ser, o Pe. Emílio Villaret, S. J. foi o nosso principal guia, pois não se pode escrever a história das CC.MM. sem consultá-lo. Dirigimo-nos também a outras fontes que estão declaradas na Bibliografia.

E eis que entregamos aos congregados marianos brasileiros "Breve História das Congregações Marianas" pedindo à Virgem SSma. que abençoe os possíveis frutos deste modesto opúsculo, ficando inteiramente por nossa conta as muitas falhas. Nosso intuito foi simplesmente SERVIR com boa vontade.



1960 — 8 de setembro, dia do aniversário de
Nossa Senhora

PE. EMÍLIO VILLARET, S. J.



* 21-6-1876 — † 4-3-1952

"Ofereço minha vida pelas CC. MM., para que elas sejam sempre verdadeiras Congregações, conforme seu genuíno espírito".

Com estas palavras morreu o maior historiador do nosso movimento abrindo uma grande brecha nas fileiras marianas.

A él as orações fervorosas de todos os congregados marianos brasileiros.

No es fácil amar lo que no se conoce; y hoy, por desgracia, muchos no conocen a fondo la historia de las Congregaciones Marianas y de la multitud de obras y empresas espirituales, que han realizado en los cuatro siglos que llevan de existencia...

.....

Las Congregaciones Marianas, a través de la Historia, han sido siempre poderosas fuerzas de apostolado al lado de la Iglesia. Negarles este carácter es desfigurarlas totalmente; en sus reglamentos, en sus constituciones, en su actuación de cuatro siglos aparece como una nota marcadísima, que viene a ser parte de su esencia, de su ser específico, el apostolado en sus diferentes manifestaciones.

.....

La historia gloriosísima de las Congregaciones Marianas en su marcha ascendente de cuatro siglos, confirma cuál ha sido y sigue siendo el pensamiento de la Iglesia en este punto particular.

Ellas, con su jerarquismo como norma de acción han procurado proyectar en sus obras el sentir y la voluntad de la Iglesia, a la que sirven fielmente como buenos hijos.

Sumisas siempre a las normas y orientaciones aun las más insignificantes de la autoridad eclesiástica, han sembrado con alegría la semilla de la verdad católica en los corazones de los hombres y más principalmente de la juventud.

† PABLO, Obispo de Bilbao
(*"Magistério Pontificio sobre as CC.MM."*)

BIBLIOGRAFIA

Para feitura deste opúsculo consultamos
as seguintes obras:

- 1 — "Les Congrégations Mariales" (Tomo I) — Pe. Emílio Villaret, S. J. — 1847.
- 2 — "Manual de los Directores" — Pe. Emilio Villaret, S. J. — 1938.
- 3 — "Teoria y Practica de la Congregación Mariana" — Pe. Ubén Gerardo Arancibia, S. J. — 1943.
- 4 — "Congregações Marianas" — Pe. Mário Martins, S. J. — 1947.
- 5 — "Marianos Célebres" — Pe. Werner J. Soell, S. J. — 1955.
- 6 — "As CC.MM. na Vida Atual da Igreja" — Pe. Luis Paulussen, S. J. — 1956.
- 7 — "Bis Saeculari", Carta Magna das CC.MM.". texto e comentário do Pe. Valério Alberton, S. J. — 1958.
- 8 — "Para Ser Dirigente" — Antonio Maia — 1958.
- 9 — "Magistério Pontifício Sobre as CC.MM." — Pe. Clemente Espinosa, S. J. — 1959.
- 10 — "Manual dos Congregados Marianos" — diversas edições.
- 11 — "Acies Ordinata" — diversos fascículos.
- 12 — "Estrela do Mar" — idem — idem.

Nota: — Nossos sinceros agradecimentos ao Secretariado Central das CC.MM. nas pessoas do Revmo. Pe. Rufo Mendizábal, S. J. e Ir. Salvador Luján, S. J. pelas preciosas informações que nos foram gentilmente prestadas e pelas generosas palavras de estímulo.

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA GERAL DAS CC. MM.



"A consagração à Mãe de Deus na C.M. é um dom completo de si mesmo para toda a vida e para a eternidade. Um dom não de pura fórmula ou de puro sentimento, mas efetivo, que se verifica na intensidade da vida cristã e mariana, na vida apostólica, fazendo do congregado o Ministro de Maria, e, por assim dizer, suas mãos visíveis sobre a terra..."

(Pio XII — discurso aos congregados, a 21 de janeiro de 1945, quando estes foram homenageado pelo 50.º aniversário de congregado).

1 DIQUE À CORRUPÇÃO E À HERESIA

As CC. MM. não apareceram de salto na História, nem foram logo desde o começo inteiramente o que hoje são. Tiveram naturalmente os seus precursores, sua gênese e sua evolução gradual no espaço e no tempo.

Sabemos que na metade do século XVI não era demasiado lisonjeiro o estado da Igreja: urgia opor um dique à corrupção e à heresia, lançando aqui e ali no seio da sociedade cristã fócos de piedade e de boas obras.

Nasceram assim, frutos de zeloso apostolado, associações pias que visavam a reforma dos costumes e o culto à Virgem SSma. tão atacada pelo protestantismo.

2 NOSSO "AVÔ" SANTO INÁCIO

Em 1563 foi fundada a primeira C. M. no mundo. Anteriormente, porém, já os Padres da Companhia de Jesus possuíam associações parecidas, com as quais conservavam e dilatavam os frutos de suas pregações na Europa.

Assistir-se mesmo que Sto. Inácio de Loiola tinha uma associação de 12 homens que se reuniam semanalmente, davam esmolas aos pobres e obedeciam a certas Regras próprias. E, como é óbvio, os demais padres, seguindo o exemplo do fundador, organizavam associações semelhantes: eram para adultos, em geral, e tinham Regras especiais que os obrigava a obras de zélo, de caridade, bem como a assídua frequência aos sacramentos.

Convém notar que, embora a devoção à Virgem SSma. constituísse exigência especial em tais associações, não eram, porém, chamadas *Marianas* e tão pouco *Congregações* como o foi mais tarde a que se fundou no Colégio Romano.

E anteriormente ainda a essas associações fundadas por Sto Inácio, existiam na Itália muitos outros sodalícios da Virgem SSma. geralmente denominados "*Colégios da Virgem Maria*" e se supõe, com muitas razões, que o Pe. João Leunis, fundador das CC.MM., teria pertencido a uma dessas associações em sua juventude, um pouco antes de ingressar na Companhia de Jesus.

A maior prova, porém, de que Sto Inácio é nosso "anô" no-la dá o Pe. Jerônimo Nadal, que no ano de 1549, assim lhe escrevia da Sicília:

"Uns 60 cristãos fervorosos juntaram-se para formar uma especial Confraria, cujo fim será socorrer os presos e pobres envergonhados; pedem-me auxílio e orientação para se regularem e à sua obra. O número dêles aumenta cada dia.

e empregam todos os esforços em tornar-se aptos para trabalhar na maior glória de Deus e para edificação comum".

E de fato fundou-se a associação no dia da Assunção da Virgem. Quem negará que estava aí delineado a primeiro esboço das CC. MM.?

3 NOSSO FUNDADOR

No dia 3 de maio de 1556 apresentou-se a Sto. Inácio — vindo a pé da Bélgica até Roma — um jovem flamengo, natural de Liége, chamado João Leunis, desejoso de ingressar na Companhia de Jesus para servir nas Indias.

Embora pertencendo a uma família de recursos e sendo formado em Humanidades e Retórica, sua única bagagem era um "*Pequeno Ofício*" que trazia com muito cuidado numa escola de viagem juntamente com alguns alimentos. "Com sua velha camisa, seu chapéu de fétro enxovalhado e seu par de sapatos já comidos de uma banda", mais parecia um peregrino em demanda dos Lugares Santos.

Tímido, ingênuo, com seu caráter um pouco esquisito, suas dificuldades nos estudos, suas enfermidades e, sobretudo, com as vicissitudes de uma formação religiosa movimentada, João Leunis parecia não apresentar nenhuma das grandes qualidades que fazem um verdadeiro líder ou fundador, a não ser, talvez, uma constância de ferro e

uma certa exaltação de sonho, que é o apanágio dos maiores realistas.

4 ACEITO NA ORDEM

Aceito na Ordem pôde logo depois dedicar-se à juventude na função de Mestre. Parte de seus ideais estava agora concretizada.

Em 1563, é ordenado sacerdote, em 1583, fez a sua profissão solene. O tempo de Noviciado havia sido feito em Perúsia, Montepulciano, Saboia, Annécy, Paris e Roma.

Uma tuberculose óssea, que o minara toda a vida, impediu-o de partir para as Indias fazendo com que sonhasse, como premícias de seu apostolado, com a fundação de alguma "*companhia*" ou "*Congregação*", em que pudesse realizar o fruto alcançado pelos primeiros companheiros de Sto. Inácio.

A 19 de novembro de 1584 faleceu em Roma. E menos de um mês depois Gregório XIII confirmava com o título de *Primaria*, a C.M. fundada pelo Pe. Leunis em 1563.

5 A PRIMEIRA C. M. DO MUNDO

João Leunis esteve em Roma entre 1560 e 1564 lecionando Infima Gramática no Colégio Romano.

No ano de 1563, seguindo a tática mestra de Sto. Inácio — a escolha e a cultura de uma *élite* influente e trabalhadora — o vemos reunindo os melhores dentre os melhores alunos externos das classes inferiores — “chamavam-se classes inferiores aquelas onde se estudava Gramática ou Humanidades, excepto Retórica” — explica o Pe. Sacchini, historiador da Companhia de Jesus. E continua o mesmo historiador: “Assim pois, os que desejavam juntar a piedade ao estudo das Letras começaram a reunir-se todos os dias numa das salas, após irem os demais, na qual enfeitavam um altar. Ali algumas vezes rezavam juntos ou algum fazia uma leitura piedosa para que ouvissem todos. Nos dias de domingo e festa, segundo o costume da Igreja, recitavam preces acompanhadas de cânticos. Destes pobres começos originaram-se as Congregações, dedicadas mais tarde ao culto da SSma. Virgem, que, insignemente formadas com sábias normas, se espalharam por toda a terra, para o bem não só dos jovens, como também de outras pessoas.”

6 DENOMINAÇÃO E CARÁTER MARIANO

Que nome tinha este grupo de jovens?

Ao início não se sabe. Crê-se que, devido ao uso do latim, muito difundido na época, terão dado ao grupo denominações tais como: *Congregatio* — *Sodalitium* ou *Sodalitas*, nomes estes mais tar-

de consagrados nos documentos papais. Desta forma, segundo o gosto, em algum lugares prevaleceu a denominação *Sodalicio* e outros *Congregação*.

Após um ano — 1564 — já bem aumentado, o grupo passou a reunir-se na pequena Igreja da Anunciação, confiada ao Colégio Romano, e, desta forma, colocou-se oficialmente sob o patrocínio de Maria SSma. Ganhou por isso o nome de Congregação da Aunciada ou da Anunciação da Virgem SSma. que até hoje conserva.

Posteriormente foram acrescentados os padroeiros secundários S. Pedro e S. Paulo e, às vezes, é chamada também C.M. da "Scalleta".

7 ESTABELECIMENTO DAS REGRAS

Já com um ano de existência e bem nutrido, o grupo se entregava à santificação própria e ao apostolado sob os auspícios da Virgem. Era, porém, preciso um Regulamento.

Os primeiros Estatutos de 1564 foram dados certamente pelos primeiros membros fundadores.

O Pe. Cláudio Acquaviva foi o primeiro dentre os Gerais da Companhia de Jesus a estabelecer, em 1.º de novembro de 1587, as Regras da C.M., recebendo para isto autorização do Papa. O texto de aprovação é acompanhado de uma espécie de Ata com todas as circunstâncias da promulgação. Depois de relatar que estavam presen-

tes todos os membros da Diretoria da C.M., assim como os membros da "Congregação de Menores", diz o Secretário: "Entrou em seguida o R. Pe. João Batista Carminata, o qual, depois de fazer uma prática a todos os irmãos, comunicou à Congregação, em nome do R. P. Geral da Companhia de Jesus, Pe. Cláudio Acquaviva, as novas Regras acima transcritas, que trazia consigo, elaboradas com a autorização do dito R.P. Geral. Estas Regras anulam todas as demais e deverão doravante ser observadas não só pelos irmãos da nossa Congregação — constituída há três anos Cabeça de todas as outras por Gregório XIII, de feliz memória —, mas também por qualquer outra C.M. que venha a ser agregada à nossa."

A Prima Primária conserva preciosamente nos seus arquivos um exemplar manuscrito das primeiras Regras oficiais e completas publicadas depois da solene aprovação pontifícia de Gregório XIII.

Nosso primeiro legislador, nascido em 1543, entrou para a Companhia de Jesus em 1567, conhecendo, portanto, desde o Noviciado os frutos da C.M. do Colégio Romano e na qualidade de Geral (1581-1611), com conhecimento de causa redigiu estas primeiras Regras.

Outro Geral, o Pe. Pedro Beckx renovou e adaptou alguns pontos em 1855. O Pe. Antonio Maria Anderley promulgou Regras acomodadas às CC. MM. existentes fora dos Colégios da Companhia de Jesus, em 1885. Por último o Pe. Francisco

Wernz, em 1910, adaptou as Regras aos tempos presentes.

8 VIVÊNCIA DAS REGRAS

As Regras oficiais declararam Padroeira das CC. MM. Nossa Senhora da Anunciação, recomendam especial devoção a Maria, estabelecem frequência assídua aos sacramentos, oração diária, união fraterna, caridade para com o próximo, diligência nas obras comuns da C.M. Determinam que os congregados se reúnam nos domingos e dias de festa, pelos menos durante uma hora, ocupando-se em leitura piedosa, assistência à Santa Missa, seguindo-se um quarto de hora de meditação. "O fim proposto era o progresso na piedade e nos estudos. Cada semana confessavam-se e recebiam a Comunhão — o que representava um notável progresso religioso em relação aos costumes da época; — todos os dias havia Missa, rezava-se o Rosário ou alguma oração à Virgem SSma. À tarde, depois das aulas, reuniam-se e meditavam durante 15 minutos, seguindo-se uma revisão do que tinham feito e combinavam o que deveriam fazer no dia seguinte. Nos dias de festa, após cantarem as Vésperas, saíam alguns a visitar os doentes nos hospitais enquanto outros iam visitar os sepulcros dos santos nas várias igrejas de Roma onde estes existem como em nenhum outro lugar do mundo em tão grande quantidade; outros mais iam confortar os

prêses e ensinar a doutrina. Em suma, dedicavam-se todos, e com ardor, à prática de boas obras".

Um sacerdote os orientava com breve preleção aos domingos e dentre o grupo se escolhia um Presidente. Os outros repartiam entre si vários encargos para o bom andamento da C.M., inclusive Academias para estimular os estudos.

Eis como viviam as Regras os primeiros congregados marianos, advindo dessa vivência das Regras notável progresso material e, sobretudo, espiritual provocando extraordinária expansão do movimento.

9 AVANÇADA MARIANA

As CC.MM. em pouco tempo começaram a multiplicar-se, pois a semente fôra abençoada e caiâa em terreno fértil.

Onde existia uma juventude idealista e temente a Deus, ali nascia uma C.M. Mais tarde, já não eram só os estudantes. Vieram pessoas de todos os estados e classes sociais. Os colégios disputavam a primazia de possuir suas CC.MM., o que obrigou os Superiores a enviar o Pe. Leunis a Perúsia, Billon, Lião etc. e fazer o que havia feito em Roma. E assevera-nos o Pe. Emílio Vilaret: "Paris tem sua C.M. desde 1567, Billon em 1569, quando o Pe. Francisco Coster — que, digamos de passagem, após a morte do Pe. Leunis

foi o verdadeiro organizador das CC.MM. — fundou a da Universidade de Douai, em 1573, já tinham a sua 20 cidades importantes na Itália, França, Espanha, Portugal, Bélgica, Renânia, Baixa Baviera, Boêmia, Áustria, Polônia, Suíça etc.”.

Novas CC.MM. surgiram no Colégio Germânico (1565), no de Palerino (1570), nos de Bolonha e Nápoles (1574), no Seminário Romano (1575; quatro aprovadas por um Breve Pontifício), em Praga e Pont-à-Mousson (1575), Colônia (1576), Barcelona e Avinhão (1577), Milão (1580), Friburgo (1581), Saint-Omer e Lecce (1582), Évora (1583), Nola, Áquila, Barletta, Salerno, Cosenza, Calanzaro, Tréveris, Innsbruck, Wurzburgo, Liége, Bruxelas etc.

A avançada mariana asemelhava-se as comportas de uma represa que, abertas em dado momento, deixaram livres as caudais impetuosas das águas.

10 EREÇÃO CANÔNICA DA PRIMEIRA C. M.

A 5 de dezembro de 1584 Gregório XIII, com a Bula “*Omnipotentis Dei*” outorga à C.M. do Colégio Romano indulgências e privilégios e a constitui “*Prima Congregatio seu Primarium Sodalititum*”, obrigando a que todas as demais existentes em colégios da Companhia de Jesus quer de estudantes, quer de qualquer classe de pessoas, dependam dela. Delega finalmente sua autoridade ao Geral a fim de que possa agregar outras CC.MM. à

Prima Primária, tornando-se participantes dos mesmos tesouros espirituais. Assim, a C. M. do Colégio Romano tornou-se *Mater et Ceput* das CC. MM. de todo o mundo.

Em Turim, 16 dias antes falecia nosso fundador, o Pe. Leunis, que assim não viu esta cúpula gloriosa de sua obra.

II POR QUÉ? PRIMA PRIMARIA?

O florescimento das CC. MM. continuou de forma admirável. A própria C. M. do Colégio Romano, vendo-se desde 1569 muito aumentada, teve que dividir-se em duas secções: uma de estudantes de Letras e Gramática e outra de ouvintes de Filosofia e Teologia. Nova divisão se impõe em 1590; nos anos subsequentes outras subdivisões se tornam imperiosas, embora a C. M. da Anunciação fosse apenas uma, i. é., a Primária. Assim sendo, as secções passaram a denominar-se "Prima Primária" — "Segunda Primária" — "Tertia Primária" — "Quarta Primária".

Depois a Primária voltou à unidade e, diz o Pe. Emílio Villaret: "Este prodigioso e universal crescimento tornava, com efeito, para desejar e mesmo necessário, não só seccionar Congregações numerosas em demasia, senão também, pela extrema diversidade dos membros que as compunham, constituir várias CC. MM. distintas. Ora, — continua o grande historiador mariano — essa mul-

tipicidade num mesmo lugar estava em desacôrdo, ao que parece, com uma regra canônica de direito comum. A 5 de janeiro de 1587, o Papa Xisto V, para tirar toda dúvida, com a Bula "*Suprema Dispositione*" autorizava o Geral da Companhia de Jesus a erigir diversas CC. MM. num mesmo colégio e agregá-las à Prima Primária, extendendo o exercício deste poder às restantes casas da Ordem, qual fosse a sua natureza. A 29 de setembro do mesmo ano — 1587 — com a Bula "*Romanum Decet*" ampliava-o ainda de tal sorte que, no mesmo modo e com os mesmos privilépios, pudessem ser eretas CC. MM. em casas não pertencentes à Companhia de Jesus, mas entregue a seus cuidados."

12 MAIS UM PASSO

Já após 75 anos de fundação da Prima Primária lhe estavam agregadas 1.459 sodalícios espalhados pela Europa, como por exemplo, Dijon, 5; Douai, 8; Aix en Provence, 12; Messina, 15; Nápoles, 18 e assim por diante, apesar do rigor da admissão. Havia CC. MM. de marinheiros, militares, pescadores, operários, magistrados, comerciantes, estudantes, burgueses, nobres, sacerdotes e até de mendigos. Estes, num grande e belo exemplo, descontavam uma quota parte do que recebiam da caridade dos ricos para socorrer os que eram ainda mais pobre do que êles!

E dizer que há CC.MM. atualmente onde alguns membros relutam em pagar a sua mensalidade!...

13 CC. MM. FEMININAS

Durante os dois primeiros séculos as CC.MM. eram quase que exclusivamente masculinas. Até 1750 encontramos de fato CC.MM. femininas na Sicília, no Perú, na Alemanha etc. Eram, porém, exceções. "Muitas senhoras — assevera o historiador Sacchini — em mais de um lugar e em várias épocas, tentaram obter permissão para estabelecer CC.MM. femininas, mas isto não foi universalmente aprovado. O que se costumava fazer mais amiúde era admitir nas CC.MM. masculinas, por especial privilégio, uns poucos representantes femininos da mais alta nobreza: por exemplo, a Imperatriz d'Austria, a Rainha de França. Mas é preciso frisar que essas raras CC.MM. femininas primavam por um fervor realmente exemplar. Lembramos, a título de amostra, a C.M. de Senhoras dirigidas pela afamado Pe. João Croiset, S. J., apóstolo insigne da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

A concessão foi provocada pelo Pe. Vespasiano Trigona, Diretor da C.M. da *Poenitentia*, sob invocação de Sta. Maria Madalena, ereta na igreja da Casa Professa Panormitense, quando então o Papa Benedito XIV autorizou o Geral da

Companhia de Jesus a agregar à Prima Primária também as CC. MM. femininas, com o Breve "Quo tibi", de 8 de setembro de 1751.

14 ELOGIO DAS CC. MM. FEMININAS

Frisamos no capítulo precedente que as CC. MM. femininas, mesmo antes de oficializadas, privavam pelo fervor apostólico e religioso. E, como era natural, este fervor foi crescendo, levando Pio XII, em 1951 a este elogio das CC. MM. femininas:

"Razão gratíssima temos hoje para dirigir-vos amadas filhas, uma palavra especial de animação. Comemorais este ano o segundo centenário do Breve "Quo Tibi": com él Nossa imortal Predecessor, Bento XIV, franqueou as portas da grande família da Prima Primária às senhoras e às CC. MM. femininas. Inovação providencial foi esta, com efeito, se a exclusividade servíra durante dois séculos para dar maior solidez à vida e às atividades das CC. MM., a transformação da sociedade ia conferir à mulher uma função diferente é verdade, mas comparável, em força e em amplitude, à dos homens.

Com esta feliz extensão, nenhuma alteração se introduziu no caráter próprio que as CC. MM. tiveram desde a sua origem. As CC. MM. não abrandaram suas exigências para colocar-se ao alcance do elementos feminino; foi este, pelo con-

trário, que se elevou à altura das CC.MM., enriquecendo-as com suas preciosas energias."

15 PRIMEIRAS PERSEGUÍÇÕES

Tôdas as obras de Deus incomodam muito ao demônio!

Transcorridos 150 anos de fundação do movimento mariano eram notórias as obras de caridade e zelo dos congregados espalhados por grande parte da Europa, bem como no Oriente, especialmente no Japão.

Surgiram então as calúnias, as críticas, as invejas, as perseguições, mormente na França.

Por morte de Luís XIV, Rei de França, que muito favoreceu as CC.MM., os inimigos do movimento ganharam uma batalha, pois o Regente, a 19 de julho de 1716 decretou a interdição das CC.MM. de militares dirigidas pelos Jesuitas. E esta dissolução causou profunda tristeza ao velho Marechal Villars e a quantos viram neste fato momentânea vitória do diabo.

16 AMPARO DA IGREJA

A Igreja, porém, não desampara esta força já com dois séculos de existência e vemos então Bento XIV, a 27 de setembro de 1748 enaltecer as CC.MM. com a célebre Bula "Gloriosae Dominae", mais conhecida como "Bula Aurea".

Mas em 1760, portanto, 12 anos mais tarde outra vitória obtém os inimigos das CC.MM., em França: são supressas todas as CC.MM. Identica vitória conseguem mais tarde na Espanha, em Portugal e na Itália.

Mais uma vez, porém, a Igreja pela pena de Clemente XIII renova solenemente todos os favores concedidos às CC.MM. pelas bulas e constituições de seus predecessores. E ganham então as CC.MM. a Bula "*Apostolicum pascendi dominici gregis*", datada de 7 de janeiro de 1765.

Como vemos, a cada vitória dos inimigos a Igreja respondia com um estímulo para perseverarem na luta.

17 SUPRESSÃO DA COMPANHIA DE JESUS

Golpe dos mais sérios, no entanto, estava reservado para o ano de 1773 (21 de julho) quando o Papa Clemente XIV pelo Decreto "*Dominus ac Redemptor*", suprimiu a Companhia de Jesus, tirando-lhe todos os poderes, todos os seus ministérios, todas as suas obras e, portanto, toda a jurisdição do Geral da Ordem sobre as CC.MM. que então só funcionavam em seus colégios e casas ao menos sob a direção de seus religiosos quando em outras entidades.

Se só o Geral da Companhia de Jesus recebia da Santa Sé a faculdade de erigir e agregar as CC.MM., na falta dêle, tornava-se impossível o

aparecimento de outras. De modo que foi o maior golpe sofrido pelas CC.MM.

18 DOIS DEPOIMENTOS

“Quando as CC.MM. foram destruídas pela maior parte, juntamente com os Jesuítas, que as haviam fundado e com tanto acerto as dirigiam, em menos de 18 anos houve na capital (Paris) uma diminuição de metade do número das pessoas que cumpriam a desobriga pascal. Cercado do mesmo tempo, e pela mesma causa, viram-se cair aos poucos em desuso as práticas piedosas, a visita diária das igrejas, a oração em comum nas famílias, preságio por demais infalível do declínio da Fé.”

— *Lamennais*

* * *

“Vive ainda em todos os importantes centros comerciais, a lembrança de que nunca houve tanta ordem tanta tranquilidade, nunca tanta probidade, nunca menos fraude e depravação como quando existiam essas CC.MM.”. — *Cardeal Bausett*

19 O GOLPE NÃO FOI MORTAL

O próprio Clemente XIV, menos de quatro meses após a supressão da Companhia de Jesus, salvou da derrocada total as CC.MM., pois com o Breve “*Commendatissimam*” (14 de novembro de

1773) confiou a direção do Colégio Romano a uma Comissão de 3 Cardeais que se encarregaram também de conservar a Prima Primária.

Sucede a Clemente XIV o Papa Pio VI que, solicitado pela Prima Primária, concede, em 2 de maio de 1775, os poderes necessários ao seu Cardeal Vigário e seus sucessores para assinar diplomas de agregação. Pouco mais tarde tais poderes foram extendidos ao Diretor da Prima Primária.

Convém notar, também, que Catarina II, da Rússia, não deixara que se executasse em seu território o Breve de Clemente XIV que extinguíra a Companhia de Jesus, e o Papa tolerou que os Jesuítas continuassem como tais nos domínios da Czarsina. Em 21 de julho de 1804, Pio VII de novo concede a faculdade de agregar CC.MM. a uma como subsidiária da Prima Primária, à C.M. da Anunciação de Polocz. No mesmo documento, o Papa enriquece esta C.M., ou outra a ser ereta na cidade de Petersburgo, com os mesmos privilégios e indulgências da Prima Primária, extensivo a todas as CC.MM. agregadas, (cfr. "Os Papas e as CC.MM". — Conferência de D. Antonio de Castro Mayer — 1950)

Pio VII restabeleceu a Companhia de Jesus a 7 de agosto de 1814.

A 7 de março de 1825 Leão XII conferiu ao Geral o poder de agregar à Prima Primária as CC.MM. eretas canônicamente fora das casas da Companhia e delas totalmente independentes, bastando a licença da autoridade diocesana.

20 TRABALHO DURANTE A DURA PROVA

Graças ao zélo dos Prelados, dos padres regulares e seculares, especialmente nos colégios, as CC.MM. como que animadas pelas perseguições parece que redobraram seus trabalhos dando provas de real vitalidade. E aparecem novas edições das Regras: em 1775 em Ingoldstad (Alemanha); em 1780 em Saint-Brieuc (França) e Bruxelas (Bélgica); em Polocz (Rússia); em 1795 em Bergamo e Veneza (Itália).

A capela da "Annunziata", no Colégio Romano, permanece intacta sob direção de Pietro Antonio Vittené, celebrando anualmente, em virtude de um privilégio, com Missa própria, a festa do Sagrado Coração.

Na Baviéra, o Príncipe Maximiano II, congregado, obtém de Clemente XIV a confirmação das 8 CC.MM. da Diocese de Freisingen. A de Munique, muito embora espoliada, em 1813, contava ainda com 1.230 membros, dos quais 575 eclesiásticos e 655 leigos. A C.M. de Stonyhurst (Inglaterra), fundada em 1617 teve que refugiar-se até 1673 em Saint-Omer, até 1773 nos Países Baixos, até 1794 em Liége, quando pôde voltar a Inglaterra. Em tóda esta verdadeira via-crucis de mais de um século não sofreu a menor interrupção; pelo contrário, todas estas vicissitudes só vieram redobrar-lhe o fervor e atividades.

Em França, apesar da revolução subsistiram 50 CC.MM. com intensa atividade, sobressaindo a dos operários de Bordeaux, ereta em 1689 pelos Jesuítas e cuidada pelos Capuchinhos de 1765 em diante. A 2 de fevereiro o famoso Pe. Chaminade dedica-se de corpo e alma à C.M. fazendo-a florescer magnificamente. Da C.M. de Bordeaux brotou a família religiosa denominada "Sociedade de Maria".

21 ESBÔÇO FEDERATIVO

Na mesma época em que o Pe. Chaminade começou a restaurar a C.M. de Bordeaux, em Paris, o Cônego Gourdier-Delpuits procedia à consagração de 6 rapazes estudantes de medicina e fundava a C. M. Sancta Maria Auxilium Christianorum. E em 1804 essas duas famílias marianas, a de Bordeaux e a de Paris, entraram em comunicações constantes não só de orações e méritos, mas de trabalhos também. Por um privilégio especial Pio VII, a 4 de julho de 1805, permitia-se que a C.M. de Paris agregasse as demais CC.MM. que começavam a multiplicar-se novamente em França a fim de torná-las participantes — como ela — dos favores concedidos pela Igreja à Prima Primária. E um bom número de sodalícios apressaram-se em unir-se à sua irmã de Paris, nascendo um movimento precursor de nossas atuais Federações.

22 MAIS OUTRO DURO GOLPE

O livre pensamento compreendeu que as CC. MM. eram um perigo e recomeçara a luta. Já anteriormente, como vimos, suas perseguições lhe tinham dado efêmera vitória. Mas viu-as erguer-se mais vigorosas e destemidas. Até mesmo entre os católicos — infelizmente — procuraram desacreditá-las. E os inimigos das CC. MM. gozaram momentâneo prazer ao verem supressa, em 1830, a C. M. de Paris. Apesar da dureza do golpe, os congregados não arrefeceram na santificação própria e no apostolado onímodo.

Por iniciativa de um deles — o Sr. Bailly — nasceu da “Sociedade dos Bons Estudos”, a “Conferência de S. Vicente de Paulo”, cujo zêlo e apostolado até hoje bem conhecemos em todo o mundo. Frederico Ozanan, seu fundador, era congregado mariano.

23 "SANGUE DE MÁRTIRES É SEMENTE DE CRISTÃOS"

Só da C. M. de Paris nasceram, entre outras, a “Sociedade das Boas Obras” com suas 3 secções: dos hospitais, operários e presos; a “Associação de São José”, que podemos dizer ter sido o primeiro esboço dos Círculos Operários; a “Sociedade dos Bons Estudos”, a que já nos referimos, onde nasceu a Conferência Vicentina; a “Sociedade Católica dos

Bons Livros", a "Biblioteca Católica"; a "Associação pela Defesa da Religião Católica", uma espécie da atual Legião da Decência nos EE.UU. (e que infelizmente não vingou no Brasil). E ainda a "Obra de S. Francisco Régis".

A C.M. de Bordeaux nos legou a "Sociedade de Maria". E da C. M. do Colégio de Clermont veio o "Seminário das Missões Estrangeiras".

E não foram apenas perseguições. Houve também o testemunho do sangue. Como outrora as da Inglaterra e do Japão, as CC.MM. de Espanha, do México e outros países tingiram de vermelho o chão pátrio com o sangue dos seus congregados.

24 UM POUCO DE ESTATÍSTICA

Alguns dados relativos às agregações fornecidos pelo Secretário Central nos dão pequena idéia do progresso das CC.MM. Estes foram publicados em nosso órgão mundial (*Actes Ordinata*) de janeiro-fevereiro de 1955 com a seguinte explanação:

"Quando a revista começou a ser editada, manifestou-se logo o cuidado de apresentar o cômputo total das CC.MM. Infelizmente, o erro que se tinha insinuado nas fontes, passou para a revista e durou até 1928.

Cessou então o cômputo, mas, uma vez quase corrigido o erro inicial, apareceu de novo em 1936.

Como o modo de fazer o cômputo geral, até aqui usado, esteja dependendo de mudança, julgamos oportuno estabelecer um sistema novo e mais estável: para o futuro, ao pé do gráfico anual das agregações, exibiremos o número do Arquivo Oficial do dia 31 de dezembro daquele ano.

Para que a todos apareça claro o número dos anos precedentes, fazemos a tabela abaixo. A razão porque não começamos senão a partir de 1830, é porque o Arquivo da Prima Primária, que começamos a publicar últimamente, se extende do início até 1830".

Ano	Reg. (1)	Ag. (2)		Ano	Reg.	Ag.	
1830	3.041	34		1850	950	137	
" 1	077	36		" 1	6 150	200	
" 2	225	148		" 2	356	206	
" 3	323	98		" 3	66 ¹	305	
" 4	497	174		" 4	7.009	348	
" 5	609	112		" 5	362	353	
" 6	718	109		" 6	687	325	
" 7	845	127		" 7	916	229	
" 8	4.028	183		" 8	8.223	307	
" 9	204	176		" 9	548	325	
			1.197				2.735
1840	403	199		1860	920	372	
" 1	464	61		" 1	9.185	265	
" 2	600	136		" 2	690	515	
" 3	728	128		" 3	10.186	496	
" 4	966	238		" 4	82 ¹	635	
" 5	5.249	283		" 5	11.227	406	
" 6	464	215		" 6	767	540	
" 7	701	237		" 7	12.207	440	
" 8	734	33		" 8	543	336	
" 9	813	79		" 9	803	260	
			1.609				4.255

Ano	Reg.	Ag.		Ano	Reg.
1870	13 147	344		1900	26.263
" 1	365	218		" 1	957
" 2	570	205		" 2	27.704
" 3	755	185		" 3	28.429
" 4	931	176	2.286	" 4	29.442
" 5	14 066	135		" 5	30.319
" 6	223	157		" 6	31.196
" 7	471	248		" 7	32.096
" 8	756	285		" 8	33.095
" 9	15 089	333		" 9	34.121
1880	384	295		1910	35.285
" 1	659	275		" 1	36.544
" 2	955	296		" 2	37.871
" 3	16 264	309		" 3	39.173
" 4	764	500	4.300	" 4	40.312
" 5	17.310	546		" 5	41.136
" 6	694	384		" 6	42.070
" 7	18.181	487		" 7	43.152
" 8	879	698		" 8	44.145
" 9	19.389	510		" 9	45.124
1890	19 869	480		1920	46.435
" 1	20 404	595		" 1	47.545
" 2	881	417		" 2	48.666
" 3	21.546	665		" 3	49.728
" 4	22.168	622	6.207	" 4	50.976
" 5	774	606		" 5	52.129
" 6	23.418	644		" 6	53.103
" 7	24.216	798		" 7	54.070
" 8	883	667		" 8	55.010
" 9	25.596	713		" 9	856

Ano	Reg.	Ag.	Ano	Reg.	Ag.
1930	56.954	1.098	1940		754
" 1	58.039	1.085	" 1		1.179
" 2	59.114	1.075	" 2		1.038
" 3	60.197	1.083	" 3	(3)	902
" 4	61.403	1.206	" 4		768
" 5	62.681	1.278	" 5		736
" 6	63.824	1.143	" 6	73.298	804
" 7	64.967	1.143	" 7	74.224	926
" 8	66.131	1.154	" 8	75.340	1.116
" 9	67.117	986	" 9	76.390	1.050
		11.261			9.273

Ano	Reg.	Ag.
1950	77.306	916
" 1	78.103	797
" 2	79.020	917
" 3	79.804	784
" 4	80.993	1.189
" 5	81.881	888
" 6	82.533	652
" 7	82.997	464
" 8	83.428	431
" 9	83.899	471
1960	84.015	116
		7.625

-
- (1) na 2.ª coluna se dá o número do dia 31 de dezembro, anualizado no Arquivo
- (2) na 3.ª coluna se dá o número de agregações (ou a diferença entre os dois números consequentes da 2.ª coluna).
- (3) as agregações pertencentes a esses anos (1940-5), devido a Guerra, entraram no Arquivo na ordem cronológica da notificação e não da agregação.

25 AS CC. MM. NO ORIENTE E NA ÁFRICA

Com os Jesuítas missionários, as CC.MM. lançavam também raízes em Angola, no Oriente Português, na China, no Império do Sol Nascente e nas Ilhas Filipinas.

Não se pode precisar exatamente o início do movimento mariano no Oriente e na África. O fato, porém, é que em 1576, portanto, 12 anos depois de fundada a Prima Primária, era batizado no Japão o segundo filho do Daimio de Bungo, Otomo Yoshiige. O jovem Chikaie, Sebastião, como se chamou após o batismo, foi logo no princípio de sua conversão um fervoroso apóstolo. Regressando a Usuki formou uma C.M. de 50 "summurcis", desaparecida em 1614 sob as perseguições.

Em 1602 florescem as CC.MM. em Nagasaki; em 1604 em Arima; em 1605 em Miyako (Kyoto) proporcionando um grande número de vocações sacerdotais.

26 PERSEGUIÇÃO E MARTÍRIO

Em 1610 verificam-se em Hirado os primeiros sinais da perseguição que teria lugar um pouco mais tarde. Em 1612, em Arie, dois irmãos — Miguel e Matias Itoo — morreram mártires por serem congregados. No ano seguinte há o martírio

de 3 famílias, em Arima. Em 1622, em Omura temos outros congregados martirizados, entre eles o Presidente da C.M. João Chicatchi, que é decapitado.

Em 1622 o Pe. Antonio Giannone traduziu as Regras para o japonês e estas foram revistas pelo Pe. Mateus de Couros, Provincial. Um exemplar destas Regras se conserva em Roma. O Pe. Giannone, em 1633 foi martirizado em Shimabara. Em Edo (Tokyo) em 1634, queimaram vivo o Pe. Sebastião Vieira que fundara uma C.M. em Fingo.

27 MESMO ASSIM O ORIENTE MARIANIZA-SE

A primeira C. M. na China (Pekin) data do ano 1609 (18 de setembro) fundada por um neófito, antigo chefe de uma Confraria pagã. Ainda em 1609 fundou-se em Nankin "uma Confraria de Nossa Senhora, à imitação da de Pekin quase da mesma ordem e modo, a qual foi causa de muita conversão e de muitas obras de caridade e de se frequentarem os sacramentos e outros exercícios de devoção".

Nas Ilhas Filipinas, entre 1625 e 1663 diz-nos o Pe. Francisco Colin que o Pe. Pedro Chirino fôra encarregado de fundar CC. MM. em Manila e nas cidades mais populosas do arquipélago, onde houvesse espanhóis. E fundaram-se diversas CC. MM. para estudantes, sacerdotes, nobres e gente do povo.

28 AS CC. MM. NAS AMÉRICAS

No Brasil o movimento mariano data de 1583, mas êsse histórico constituirá a 2.^a parte do nosso trabalho.

No Chile, no Perú e na Colômbia havia CC. MM. de negros, de índios e de brancos, tanto mais que cada grupo racial, naquele tempo, dispunha de situação social própria. Em Santiago, nos princípios de 1600 havia CC. MM. para mulatos, estudantes e gente nobre. Esta última, sobretudo, visitava as prisões, ensinava a doutrina aos encarcerados, dando-lhes conselhos para se emendarem e confessarem.

Na segunda metade de 1600, no México, nasceu a C.M. de S. Francisco Xavier. E em Chuquisaca, na Bolívia, as CC. MM. de indígenas visitavam hospitais e eram prestimosas auxiliares dos missionários em seus ministérios.

29 NO CANADÁ

No Canadá, desde 1615 os missionários Jesuítas dispenderam os maiores esforços para fundar CC. MM. entre os índios hurões. Sómente em 1625 o conseguiram, pois alguns dados de 1650 nos atestam que, sendo expulsos pelos iroqueses, ac estabelecerem-se em Quebec, os hurões se colocaram sob a proteção dos colonizadores. Antes

de entrar para a C.M. eram submetidos a sólidas provas e rigorosa seleção. Em grau admirável praticavam as virtudes, especialmente as que mais difíceis aos homens, pareciam mais incompatíveis com a natureza dos hurões: a castidade, a mansidão, e a vingança cristã que consiste em perdoar as ofensas.

Um missionário visitando um campo de concentração dos hurões, prisioneiros de seus implacáveis inimigos, os iroqueses, a respeito dêles escrevia em 1656: "Vi a flor da C.M. dos hurões, prisioneiros entre os infiéis; sua devoção seria tida por extraordinária até mesmo nos claustros".

Comovedora em extremo foi a vida do congregado mariano índio Miguel Ayatumi, falecido em odor de santidade, aos 17 anos, em 1609.

30 NOS EE.UU.

As CC.MM. nos EE.UU., pelo menos em suas atividades mais conhecidas, datam do primeiro quartel deste século. Os congregados e congregadas marianas em 1946 somavam em todos os Estados do grande país: 1.200.000!

Em 1925 o famoso Jesuíta norte-americano, Pe. Daniel A. Lord, assumiu a direção da revista "The Queen's Work, reduzindo de 3 dólares para 25 cents o preço da assinatura anual. Adquiriu num dos pontos mais centrais de St. Louis (Missouri) um prédio de 6 andares com 110 salas, instalando

ai o Secretariado Central do movimento. As despesas de compra e adaptação ficaram em 250.000 dólares naquela época. Em 1931 transfere-se o Secretariado para a casa de *West Pine Boulevard*, doada por uma generosa benfeitora. No início trabalhavam no Secretariado 15 pessoas; atualmente trabalham para mais de 100!

Ao Pe. Daniel Lord, homem audaz e considerado por muitos revolucionário, devido ao seu espírito moderno e incessante atividade, é que as CC.MM. norte-americanas devem seu impulso, colocando os "States" como o país líder do movimento, pelo menos na parte feminina.

Ele e seus congregados inundaram de folhetos e livros todos os EE.UU. desde a Califórnia à Flórida.

Como dissemos, destaca-se nos EE.UU. a atividade do elemento feminino, fazendo com que, em 1948, à frente de todas as nações do mundo, e bem isolada da segunda colocada na classificação geral, a América do Norte surgia com suas 328 agregações.

31 SECRETARIADO CENTRAL DAS CC. MM.

A propagação do movimento pelo mundo todo, a conservação do genuíno espírito das CC.MM., a organização o mais possível uniforme, o grande e penoso trabalho das agregações à Prima Primá-

ria e outros fatores preponderantes obrigaram à criação de um organismo que tivesse afeto a si tais encargos. Foi então que em 1924, o Pe. Włodzimiro Ledóchowski, Geral da Companhia de Jesus, fundou o Secretariado Central das CC. MM. (Borgo S. Spirito, 5 — Roma).

As normas promulgadas para sua instituição, resumidamente, estabelecem o seguinte:

“O Secretariado, ainda que não esteja revestido de nenhuma jurisdição para com cada uma das CC. MM., contudo, deve ser como a fonte e origem de uma nova vida e de vigor, vínculo comum de unidade e de mútua aproximação, pelo qual se infunda uma nova seiva nos grupos talvez languidos, nos que estão em vigor, além dos ramos já floridos, se exerçerem novas vergônteas, carregadas dos mais abundantes frutos.”

32 MEIOS E FIM

Portanto, a função do Secretariado Central será:

- a) confirmar, intensificar, ajudar as CC. MM. que começaram bem;
- b) providenciar a criação de novos grupos;
- c) ser um centro de informação e de consultas a que as CC. MM. possam recorrer, para solução de dificuldades ou dúvidas acerca do modo de governar e agir;

- d) ser um vínculo de união e de ajuda mútua, pelo qual os Diretores, e mediante êsses, as várias CC.MM. estreitamente se unam;
- e) oferecer aos Diretores matéria de réta formação;
- f) sugerir variadas e aptíssimas indústrias para intensificar e propagar as CC.MM.;
- g) difundir uma informação mais profunda de cada uma das CC.MM. e estimular todas a uma nobre emulação pelas notícias das coisas que nos diversos lugares se realizam, divulgadas recíproca e rapidamente.

Para conseguir melhor êsses fins, o Secretariado usará:

- 1.º – além da correspondência epistolar;
- 2.º – publicações, quer periódicas
- 3.º – quer outros gêneros, pelas quais se mostre o genuíno espírito das CC.MM.

Para os diversos cargos do Secretariado Central, se requerem padres que entendam bem de CC.MM., que as amem, conheçam o que a elas pertence, prática e teóricamente, sejam dotados de prudência e moderação, ciência e piedade, alegria e também fôrças corporais, a fim de que possam suportar os trabalhos necessários.

O Diretor do Secretariado (*) é sempre nomeado pelo Geral da Companhia de Jesus (e por vontade de Pio XII que aprovou os Estatutos — cfr. art. 11), dito cargo é unido ao de Vice-Diretor da Federação Mundial das CC.MM., organismo do qual falaremos adiante.

O Secretariado Central edita a revista *"Acies Ordinata"*, sobre a qual daremos a seguir alguns dados muito breves:

33 A REVISTA "ACIES ORDINATA"

É esse o órgão mundial do movimento. Foi fundado em 1925 pelo Pe. Emílio Villaret, esse de-nodado apóstolo das CC.MM.

Com as dificuldades inerentes a todas as revistas internacionais, *"Acies Ordinata"* vem pre-tando, contudo, bom serviço à causa mariana.

Começou sendo editada em duas línguas e em fascículos separados: latim e inglês. Mais tarde passou a ser sómente em latim. Durante os qua-tro anos que precederam a II Guerra Mundial foi editada em seis línguas, separadamente, inclusive português. Depois da guerra passou novamente a ser publicada só em latim. Atualmente é trilingue, pois como uma das conclusões do II Congresso

(*) O Secretariado prefere que se diga Presidente porque assim se expressa melhor não possuir ele qualquer juris-dição sobre as CC.MM.

Mundial das CC.MM. realizado em Newark (EE.UU.), a título de experiência a temos em edição única em inglês, francês e espanhol. Está sendo muito bem recebida tal experiência.

Destina-se aos Diretores de CC.MM., Federações e Confederações Nacionais (Promotores), o que não impede seja assinada por congregados, especialmente Dirigentes.

É impressa em Roma com ótima apresentação gráfica e publica cinco fascículo por ano (março, maio, julho, outubro e dezembro). O preço anual da assinatura é o equivalente a US\$ 1,60.

34 "DIA MUNDIAL DOS CONGREGADOS"

Desde 1938 celebra-se o "Dia Mundial dos Congregados Marianos" por sugestão do Secretariado Central.

No I Congresso Mundial das CC.MM. (setembro de 1954 — *Ano Mariano*), estabeleceu-se: "O Congresso convida todas as CC.MM. do mundo inteiro a celebrar o mais exatamente possível a data do "Dia Mundial dos Congregados", no segundo domingo do mês de maio". (Concl. 9)

É mais um fator de união, de solidariedade, de força e amor à causa da Igreja, através de Maria SSma.

E sublinhava o Secretariado os fins desta expressiva festa da família mariana:

- a) auxílio fraternal;
- b) entusiasmo consciente;
- c) novo alento para os trabalhos futuros.

Em *"Para Ser Dirigente"* (pgs. 137-41) tivemos oportunidade de transcrever a belíssima explanação que o Secretariado fez em 1939 desses três fins.

35 DOIS CONGRESSOS MUNDIAIS E QUATRO ENCONTROS DE CC. MM.

A história das CC.MM., até a presente data, registra dois Congressos Mundiais que imensos benefícios trouxeram ao movimento.

O primeiro realizou-se em Roma, de 8 a 10 de setembro de 1954 (*Ano Mariano*) com a participação de 62 nações; e o segundo, em Newark (New Jersey) na América do Norte, de 19 a 24 de agosto de 1959, tendo comparecido 38 países (explica-se o decréscimo de presença pelas dificuldades da época, mormente a alta do dólar).

Se mais nada houvessem trazido êstes dois Congressos, bastaria a aproximação e conhecimento mútuo de tantos Promotores, Diretores e congregados, tornando mais unida a nossa família mariana. Mas não ficaram restritas a estes setores as vantagens dêstes magnos conclave.

O primeiro ofereceu um campo amplo para troca de experiências com as discussões dos pontos centrais: *Seleção* — *União com a Hierarquia* — *Coo-*

peração com as demais associações apostólicas. E do primeiro ainda surgiu a Federação Mundial das CC. MM., de que falaremos no capítulo seguinte.

Do segundo tivemos conclusões práticas de suma importância; dedicar-se o máximo de atenção aos problemas locais, dando prioridade à *discriminação racial*, escassez de alimentação e a falta de moradia adequada, cuidado; sanitários e educação; resolveu dedicar o "Dk. Mundial" em 1960 à oração pelo Concílio Ecumênico; continuar colaborando com a Conferência das Organizações Católicas Internacionais e manter contato regular com a Comissão Permanente para o Apostolado Leigo; promover assembléias especiais para sacerdotes, estudantes e profissionais com visões ao futuro congresso em Bombaim (Índia) em 1964.

Como não poderia deixar de ser, o Congresso reafirmou a devoção filial ao Santo Padre e urgiu a mais completa observância e divulgação da "Bis Saeculari", como excelente meio de formação.

Sem serem oficialmente contados, quatro *Encontros ou Assembléias Internacionais* já foram realizados: Roma, (1951) por ocasião do I Congresso Mundial do Apostolado Leigo — Barcelona (1952) quando da realização do 35.º Congresso Eucarístico Internacional — Rio de Janeiro (1955) ao ensejo do 36.º Congresso Eucarístico Internacional — Munique (1960) ao realizar o 37.º. Também têm sido muito úteis estes Encontros ou As-

sembléias. Do primeiro, por exemplo, nasceu a idéia da Federação Mundial das CC.MM.

36 FEDERAÇÃO MUNDIAL DAS CC. MM.

Escreve o Pe. Luís Paulussen, atual Diretor do Secretariado Central das CC.MM.: "Quem conhece nos seus traços essenciais a história das CC. MM. admite que com a Constituição Apostólica "Bis Saeculari" (1948), começou para elas um novo período, do qual marcará época o ano de 1954, em que se reuniu pela primeira vez a Federação Mundial das CC.MM."

O escopo unico da Federação Mundial, fundada a 9 de setembro de 1954, é uma maior união de todas as CC.MM. na Igreja e com a Hierarquia Eclesiástica, e uma maior colaboração com todas as fôrças militantes da Igreja. Ela assegura às CC.MM. uma *Representação*, como *Movimento Mundial*, uma *Vóz* realmente *Oficial* e verdadeiramente *Universal*.

As CC.MM. de todo o mundo estão nela representadas segundo uma fórmula das Regras Comuns (cfr. R. 69).

A Federação Mundial acarreta uma outra consequência de excepcional importância: é a primeira vez que os leigos se tornam representantes oficiais das CC.MM. no Plano Mundial porque "a Federação Mundial em 1956 foi admitida como

organismo-membro da *Assembléia das Organizações Internacionais Católicas*; isto permitirá, e até exigirá, das CC.MM. um movimento realmente internacional, estabelecendo relações também com outras obras". Graças, portanto, a esse novo elemento, elas mostram com maior evidência seu caráter de *Ação Católica*.

A Federação Mundial não é pois algo de essencialmente novo, mas é uma *União Nova* do que já existia antes. Após uma *união puramente espiritual* com a Prima Primária, e união *administrativa* com o Secretariado Central, tem-se agora uma *união oficialmente representativa* de todas as CC.MM. do mundo.

No opúsculo da "Collecção "Estrela do Mar" intitulado "As CC.MM. na Vida Atual da Igreja" está inserido um belíssimo estudo sobre a Federação Mundial que muito aconselhamos aos Dirigentes ler e estudar.

37 "BIS SAECULARI" NOSSA CARTA MAGNA

Encerraremos a 1.^a Parte deste nosso modesto opúsculo com ligeiros comentários sobre a "Bis Saeculari", a nossa Carta Magna, usando conceitos estampados em "L'Osservatore Romano", de 8 de dezembro de 1948. Essa explanação nos orientará para uma plena colaboração com a Ação Católica. E que as CC.MM., embora sempre fossem

de fato, ainda não constava autenticamente de modo insofismável que eram *de direito* Ação Católica. Pio XII, o grande Pontífice Mariano proclamou serem as CC.MM. “*pleno iure*” Ação Católica sob os auspícios de Maria SSma. e são sempre atuais seus métodos e suas leis. E escolheu Pio XII a data de 27 de setembro de 1948, quando ocorria o segundo século da Bula *Aurea* (*Gloriosae Dominae*), de Bento XIV.

“A Constituição Apostólica “*Bis Saeculari*” sobre as CC.MM. suscitou em todo o mundo uma onda de entusiasmo e alegria, mas também de surpresa especialmente em certos ambientes. Chegam-nos de todas as partes cartas com sentimentos de alegria e admiração: algumas cheias de dúvidas.

Antes de tudo: que valor tem a Constituição Apostólica “*Bis Saeculari*”? É uma simples carta de louvor e encômios, ou alguma coisa mais?

A Constituição Apostólica não é uma simples carta; com efeito, ela não é dirigida a alguma pessoa em particular, mas é um ato da vontade do Sumo Pontífice, manifestado diretamente a toda a Igreja, e que tem valor de “*Lei*”. É o Pana que por iniciativa sua estabelece normas ou faz declarações que devem ser observadas por todos”.

38 RECONHECIMENTO EXPLICITO AUTORITATIVO E SOLENE

“Quase em todas as Bulas ou Documentos pontifícios sobre as CC.MM., podemos distinguir duas

partes: a primeira, que louva e confirma solenemente os privilégios e graças já concedidas por outros Papas, e a segunda, que acrescenta novas concessões ou privilégios.

A Constituição Apostólica "Bis Saeculari" foi escrita para pôr em evidência aquêle que é e sempre foi o verdadeiro e genuíno espírito das CC. MM., mas ao mesmo tempo nos leva até às últimas consequências dêsse espírito, e chega a proclamar explícita e autoritariamente: "As CC. MM. que seguem suas normas e tradições, e que caminham nas pegadas de seus maiores, são associações que pertencem à mesma categoria das outras associações de caráter apostólico, e que têm em si todas as notas características da Ação Católica e por isso mesmo devem ser consideradas como tais".

Substancialmente, portanto, não há nada de novo na Constituição Apostólica "Bis Saeculari", mas um *reconhecimento explícito, autoritativo e solene* daquilo que já era *de fato*: a saber: "que as CC. MM. são adaptadas aos nossos tempos e, portanto, tuais, e que, com todo o *direito* se podem chamar e se devem considerar Ação Católica, empreendida sob os auspícios e a inspiração da Bem-venturada Virgem Maria".

39 NÃO É NOVIDADE

"Em toda a Constituição Apostólica Pio XII tende a provar isso; mas ao mesmo tempo quer de-

monstrar que não é uma novidade o que Ele solemnemente proclama, porque já desde as origens as CC.MM. tinham este espírito e estas características. Para prová-lo o Santo Padre não se contenta em fazer referências repetidas ao que disseram "no curso de quase quatro séculos" todos os Papas que falaram das CC.MM., mas insiste com muita frequência na sua história, nas suas santas tradições, nos exemplos e no modo de agir dos congregados de todos os tempos. E depois de ter provado que as CC.MM.

- 1) foram instituídas e dirigidas pela Igreja;
- 2) dependem da Hierarquia Eclesiástica;
- 3) são associações de apostolado, e especialmente social;
- 4) e ao mesmo tempo são associações que proporcionam a seus membros uma formação completa e sólida, levada até à santidade;
- 5) e tudo isto não apenas no passado, mas também, e muito mais, no presente, termina dizendo: "Não hesitamos asseverar que o modelo de católico que a C.M. desde as suas origens, se esforçou por plasmar, jamais correspondeu tanto às necessidades e às contingências de cada tempo, quanto hoje; e que jamais, talvez tempo algum o exigiu tão inconsistentemente quanto o nosso quando temos necessida-

de de homens sólidamente formados na vida cristã".

40 NOSSA ATITUDE

Estes conceitos de D. João da Motta e Albuquerque, emitidos quando ainda Reitor do Seminário Arquidiocesano de São José, do Rio de Janeiro, no "Dia Mundial" de 1949, nos prepararão para vermos qual a nossa atitude diante dêste grandioso legado de Pio XII.

"A Constituição Apostólica sobre as CC.MM. é desses documentos pontifícios que não passam despercebidos na História da Igreja, destinados a uma repercussão profunda e duradoura, porque harmonizando-se perfeitamente com dois grandes monumentos do magistério de Pio XII — a Encíclica sobre o Corpo Místico e sobre a Liturgia — aponta, sanciona e aplaude, na História das CC.MM. e na exuberância do seu presente, a prática e o fruto da verdadeira ascese cristã. Permanecerá como ponto de referência nos trabalhos da teologia espiritual, uma vez que o Papa manifesta o pensamento e o sentir da Igreja.

A ninguém será lícito subestimar o valor jurídico, organizativo e prático da "Bis Saeculari" e a todos não deixará de impressionar a sua importância, empolgando os elogios que contém. Para o teólogo as canonizações, as encíclicas, os documentos vários do governo das almas emanados da Cá-

tedra de Pedro, não apenas são significativos marcos para a História, mas possuem valor doutrinário inestimável porque, ainda quando não de inem dogmas, firmam doutrinas certas e seguras, da qual a ninguém se permite afastar sem graves riscos para a fé e salvação".

Portanto, nossa atitude diante desta Constituição só pode ser de gratidão, obediência e confiança.

1.º — *Gratidão* não sómente por parte das CC. MM., às quais concede um favor excepcional, mas também por parte da Ação Católica e da Igreja Universal, porque o documento pontifício projeta tão grande luz sobre duas instituições igualmente queridas da Igreja.

2.º — *Obediência* pronta e inteira a estas declarações e normas, que são uma manifestação, a mais expressa da vontade do Soberano Pontífice, vontade que temos o dever de tornar conhecida e que devemos ajudar a pôr em prática.

3.º — *Confiança* nas CC. MM., cuja perfeita atualidade a mais alta autoridade da Igreja tudo faz para demonstrar.

E para uma leitura atenta, um estudo carinhoso e, sobretudo para a realização na vida prática recomendamos viva e entusiasticamente o texto comentado pelo Pe. Valério Alberton, S. J. que segue de perto o "Commentarium in Constitutionem Apostolicam "Bis Saeculari", do Pe. Emvin Bussutil, S. J. (dêsse Commentarium" sabe-se que foi

lido e, extraoficialmente, aprovado pelo mesmo Pio XII) e *"La Constitution Apostolique "Bis Sacculani"*, do Pe. Ludger Brien, S. J.

* * *



**Pio XII. o Papa de Maria, o Papa Congregado Mariano
Autor da "BIS SAECULARI"**

Pio XII foi o 16.^o congregado mariano que teve assento na Catedra de Pedro e viveu verdadeiramente sua consagração à Virgem por mais de 60 anos.

“Durante o Nosso Pontificado não perdemos nenhuma ocasião de exprimir a nossa viva satisfação pelo constante progresso de movimento das CC.MM. em muitas nações e pelo encorajador apôio dado a elas pelos Nossos Veneráveis Irmãos do Episcopado e do clero”.

.....

“Todos os que conhecem o Nosso pensamento sobre o apostolado hodierno sabem muito bem quanto estão em Nossa coração as CC.MM. e o seu constante incremento espiritual”.

.....

Em sua derradeira fala às CC.MM. (discurso de 26-4-58 às congregadas marianas) disse: “Constituís uma dessas Associações sobre as quais poderia parecer que já não há quase mais nada a dizer, pois são muitas vêzes que temos falado e escrito sobre vós; e são muitos também os louvores e as advertências que vos temos dirigido em várias ocasiões...”

E de fato, para mais da metade de todos os documentos dos 17 Papas sobre as CC.MM. pertencem a Pio XII, o Papa de Maria, o Papa congregado Mariano.

Foi um dos maiores reformadores da Igreja. Veiu ao encontro do mundo moderno, no terreno científico e social, sem transigências de espécie alguma e sem renunciar à tradição, uma das grandes

fôrças da Igreja: Reconduziu a liturgia à fonte do Cristianismo, estabelecendo a Missa e a Comunhão à tarde e reformando o ceremonial da Semana Santa; grande devoto da Virgem SSma., engastou em sua coroa de glória nova pérola resplandecente, proclamando o Dogma da Assunção; foi o Pontífice da Paz, da Liturgia, dos Estudos Bíblicos, das Missões, da Ação Católica, da Virgem SSma.

Mas nós marianos, temos um motivo todo especial de prestar nossas saudosas homenagens a Pio XII porque foi ele, inquestionavelmente, o grande Pontífice das CC. MM., o Papa congregado mariano e está lá no céu, juato da Rainha, continuando a pedir pelo movimento que tanto amou.

(condensado de um artigo do Pe. Valério Alberon, S. J.)



CONCLUSÃO

Pelo que ficou resumidamente exposto verificamos que a importância histórica das CC.MM. se manifesta de três maneiras:

1.º – Pela reintegração da fé católica nos séculos XV e XVIII, a qual, de maneira nenhuma havia podido fazer tanto fruto só pelos sacerdotes, mas tivera também a contribuição de muitos leigos em diversas situações sociais. Estes leigos sem dúvida alguma, em grande parte, formaram-se nas CC. MM. e nelas foram haurir o amor à religião e o zélo pela defesa da Igreja. ()*

2.º – Pela educação da juventude dos séculos XVI a XVIII, defendendo-a do laicismo reinante e dos perigos de doutrinas deletérias que procuravam solapar os ensinamentos de Cristo. E o meio principalíssimo, a escola que usou de métodos estupendos foi a C.M.

(*) Das CC.MM. saíram diversos fundadores de Ordens e Congregações Religiosas que foram iniciadoras de grandes obras de apostolado católico.

Nasceram assim 2 Ordens e 20 Congregações religiosas de homens e 3 Ordens e 17 Congregações religiosas femininas.

A Igreja colocou já em seus altares 42 santos, dos quais 12 mártires, 23 confessores e 7 virgens; 45 beatos mártires, dos quais 11 confessores e 2 virgens.

3.º — *Pela renovação da vida religiosa e sacerdotal, que em grande parte deve atribuir-se às CC.MM., pois muitíssimos em verdade, e excelente sacerdotes e Bispos saíram das fileiras das CC. MM. (*)*

Respeitante aos tempos modernos podemos afirmar, sem medo de erro: as CC.MM., em grande parte, foram o fundamento e o princípio da organização do apostolado leigo, ou mais propriamente, da Ação Católica.

* * *



(*) Dos 525 primeiros congregados que teve a Prima Primária, 115 entraram no clero secular; 8 foram feitos Bispos e 7 Cardeais; 41 ingressaram na Companhia de Jesus e 20 em outras Ordens Religiosas. Foram, pois ao todo 176 vocações eclesiásticas sobre 525 congregados!

SEGUNDA PARTE

AS CC. MM. NO BRASIL



*Ah! a minha fita azul! a fita azul dos marianos!
Saudemo-la. Ela levará nossa alma para o Céu. Ela
salvará a mocidade.*

A FITA AZUL SALVARÁ O BRASIL!

*(Palavras finais do famoso discurso de D. Sebastião Leme
na Concentração Mariana Nacional — 2 de Maio de 1837).*

41 TRÊS PERÍODOS

Em nossa terra a história das CC. MM. apresenta três períodos bem distintos:

- a) de 1583 a 1870, portanto, desde a primeira C. M. no Brasil-Colônia até a primeira fundada após a volta dos Jesuítas;
- b) desde a volta dos Jesuítas até a fundação da Federação das CC. MM. de São Paulo (12 de outubro de 1927);
- c) de 1927 até os tempos atuais.

Podemos ainda subdividir o terceiro período em duas fases:

1.º — 1927 a 1948 quando se verifica a expansão horizontal do movimento com o advento das Federações Diocesanas, multiplicação cada vez mais crescente das CC. MM. e criação da Confederação Nacional.

2.º — 1948 até agora tendo como marco a "Bis Saeculari" que veio provocar verdadeira revisão e renovação no sistema de seleção — formação e ação visadas em duas Assembléias Nacionais de Dirigentes, em Cursos e Encontros, bem como publicação de Opúsculos. E está em plena atualidade a execução do nosso "Plano Trienal Mariano" que nos

prepara para o 4.^o Centenário das CC.MM. no Mundo.

Vejamos, através de um passeio pelas páginas da revista "*Estréla do Mar*", sintéticamente, a documentação dessa história.

42 PRIMEIRA INVESTIDURA

A Bahia, como centro do Brasil colonial, foi também o ponto inicial do movimento mariano brasileiro. Já em 1581 fizeram-se e aprovaram-se os Estatutos de uma Confraria ou Congregação de N. S. do Rosário. Em 1584 o Visitador, por intermédio do Procurador em Roma, Pe. Antonio Gomes, S. J., pede os Estatutos da dita Confraria que destinava aos estudantes. Neste mesmo ano já se contavam diversas Confrarias de Nossa Senhora nas aldeias da Bahia. E ordenou o Pe. Visitador, em 1586, que nos engenhos e fazendas, em todo o Brasil, se instituísse para os índios e negros a Confraria do Rosário, com a finalidade de promover a piedade e a instrução religiosa. Mas parece que não havia ainda no Brasil idéia nítida do que era a C. M. do Colégio Romano. Tanto é que, ao transcrever-se em Roma, o pedido de agregação omite-se a palavra "Rosário", ficando só Congregação de Nossa Senhora.

A primeira C.M. canônicamente ereta no Brasil tem a patente de agregação datada de 8 de

agosto de 1586, pois D. Antonio Barreiros, considerando a C.M. do Colégio da Bahia como obra de suma importância, quis aprovar e incentivá-la oficialmente.

As festas da C.M. eram muito "luzidas, deslumbrantes e solenes" — no dizer do historiador da Companhia de Jesus, Pe. Serafim Leite, S. J. F. citando Beliarte prosseguia: "A C.M. dos Estudantes anda sempre nas pessoas principais da terra como o Bispo..."

No pitoresco destas palavras sentimos todo o afeto, carinho e estima com que os Bispos de nossa pátria, como herança de seus maiores, souberam sempre cercar as CC. MM. brasileiras.

43 PRIMEIROS SEGUIDORES

O exemplo da Bahia foi logo seguido de perto por São Paulo com a instituição da *Benção das Rosas*. O Venerável Pe. Anchieto descreve deliciosamente em uma de suas cartas essa cerimônia. "Os assistentes iam coroados de rosas bentas. O sacerdote levava debaixo do pálio de seda uma linda imagem de Nossa Senhora, igualmente recamada de rosas vermelhas. Havia procissão, e as rosas juncavam os caminhos de perfumes e de graças."

Havia ainda a *devoção das nove velas*, consistindo em acender no altar da C.M. esse número de velas a fim de que os Bandeirantes voltassem

sãos e salvos a São Paulo. Assim fez a esposa de um deles, em 1620. E as bandeiras paulistas partiam deixando as velas lacrimejando no altar da C.M. O preito de amor, da saudade e do respeito à Rainha nunca se apagava até que os desbravadores voltassem ao altar de Nossa Senhora, pagar suas promessas.

44 CONQUISTA DE POSIÇÃO

Da C.M. do Colégio de São Paulo passemos para a do Colégio das Artes, do Rio de Janeiro. Os mestres e professores plasmavam as inteligências com as boas lições de Humanidade e Artes. E Maria aquecia na estufa de seu coração de Mãe, as almas daqueles jovens.

A agregação da primeira C.M. do Rio de Janeiro ter-se-ia dado pelo ano de 1590, mas já estava em plena vitalidade em 1588, pois uma carta ânua anunciava que estudantes congregados davam lição aos velhos, no que tocava ao ensino da doutrina. Era o gérmen desse espírito ativo e de combate que tanto distingue as CC.MM. autênticamente brasileiras. Atualmente nos entristece ver algumas CC.MM., cujos membros se limitam apenas a usar uma fita durante a Missa de domingo e a frequentar, vez ou outra, sonolentamente, as reuniões e atos marcados pelas Regras. Verda-deiros cabides de fita tão opostos aos combativos congregados da primeira arrancada!

45 NOVAS IRRADIACÕES

No Maranhão encontramos, na época colonial, um movimento mariano, que nos causa hoje profunda admiração. Ele gira ao redor de um grande personagem de nossa história: o Pe. Antonio Vieira, tão célebre pelos seus "Sermões".

Iniciou Vieira, no Maranhão, a 25 de março de 1653, a prática do Rosário Cantado à *moda de São Domingos*, que deu origem a uma associação depois concretizada em C.M. sob o título de N. S. das Neves.

Em 1665 essa C.M. recebeu novo título: o de C.M. do Térço, sob a invocação de N. S. da Luz. Sua agregação à Prima Primária deu-se a 30 de dezembro de 1666. Cinco anos mais tarde surge uma nova C.M.: a de N. S. do Socorro. O Diretor, para evitar dispersão fundiu as duas sob o título de C.M. de N. S. da Luz e Térço do Socorro.

Em outubro de 1722 instituia-se a C.M. de N. S. da Conceição, para homens e estudantes externos. No ano seguinte, a de N. S. da Boa Morte que contou com 800 congregados!

46 NORTE ACIMA

Do Maranhão, irradiou-se o movimento para o Pará. O zélo de Vieira soube também suscitar aí as CC.MM.

A primeira foi a de N. S. da Consolação. Depois de uma tentativa de unificação, surge pelo ano de 1678, a C.M. de N. S. do Socorro dirigida pelo Pe. Bento de Oliveira.

Em 1722 o fervor apostólico do Venerável Pe. Malagrida erigiu no Pará a C.M. da Boa Morte. Pediu ao Pe. Geral que a agregasse à Prima Primária ou à de Evora. O Geral não anuiu ao seu pedido por constar ela de homens e mulheres e as CC.MM. para senhoras só foram oficialmente permitidas em 1751.

O mesmo Pe. Malagrida, com o Pe. Manoel da Silva instituiu outras CC.MM. pelas fazendas da Companhia de Jesus e em outros lugares. Foram todas agregadas à Prima Primária. A última C.M. que se fundou no Pará por essa época, foi a de N S. da Sapiência, para estudantes, e agregou-se em 1738.

47 REALIZAÇÕES SOCIAIS

A C.M. do Recife é o berço das CC.MM. dos homens de trabalho. Aí as nossas CC.MM. operárias de hoje vão descobrir que os marianos de cíntem já se preocupavam com as grandes questões sociais.

A vitalidade das CC.MM. de Olinda e Recife atingem sua atividade máxima no tempo da Guerra dos Mascates, que começou em 1710. Já por essa época contavam um século de existência. Eram

estimadíssimas e os lavradores e senhoras de engenho bem como os grandes proprietários faziam questão de entrar na "Confraria dos Oficiais Mecânicos" que é como chamavam a C.M. Negando-se-lhes a entrada, alegavam serem também homens de trabalho, i. é., senhores de engenho. A essa estima pela C.M., seguia-se naturalmente uma influência real do clima social da época.

48 EM PLAGAS GAÚCHAS

O Pe. Carlos Teschauer, S. J. em sua "História do Rio Grande do Sul" nos acena ligeiramente como lá surgiram as CC.MM. ao tratar das Reduções Jesuíticas, em 1673.

No século XVII floresceram as CC.MM. no sul do País, e muito contribuíram para o nível espiritual de nossa gente.

Antes de ser admitido na C.M., o candidato devia, dos 12 aos 30 anos, pertencer primeiramente à Congregação de São Miguel, que era o vestíbulo da C.M. propriamente dita. Só mais tarde, depois de dar provas seguras de vida edificante, é que conseguia a "Patente de Congregado", conferida pelo missionário.

49 "CARTA DE SERVIDÃO"

Essa "patente" chamava-se "Carta de Servidão", pois quem a recebia se obrigava ao serviço da Rai-

nha. O congregado guardava-a, trazendo no peito sempre com muita devoção. E não havia castigo mais sensível do que tirar-lhe o padre a *"Carta de Servidão"* e demiti-lo da C.M. por não corresponder às obrigações.

Nosso ato de consagração nos obriga seriamente a este serviço — de que muito facilmente nos esquecemos — e nossa fita azul é o sinal exterior desta doação para todo o sempre, i. é., perpétuamente. O exemplo de nossos predecessores é um convite a que meditemos sempre as palavras que pronunciamos ao pé do altar, quando, espontaneamente, nos consagramos à Virgem SSma..

50 RIGOROSA SELEÇÃO DOS CANDIDATOS

Apesar do rigor e da seriedade na admissão dos candidatos — diz-nos o Pe. Carlos Teschaeur — os marianos eram muitos, chegando a 800 só numa C.M. das Reduções.

Anualmente elegia-se a mesa dirigente, na qual ocupavam lugar um Prefeito e dois Assistentes. O Prefeito eleito recebia um estandarte que tinha pintada a imagem de Nossa Senhora. A vida de piedade das Reduções era muito acentuada e os fiéis recebiam mensalmente, e, nas festas principais do ano, os sacramentos da Penitência e da Eucaristia. Aos domingos de tarde, realizavam-se reuniões da C.M. com a recitação do Rosário e

breve alocução do Diretor sobre a devoção a Maria SSma.

51 PERSEGUÍÇÃO POMBALESCA

Com a perseguição desferida pelo Marquês de Pombal e expulsão dos Jesuítas, em 1759, praticamente desapareceram as CC.MM., abrindo-se um parêntesis de silêncio histórico de mais de um século na vida mariana do Brasil. A escassez de clero não possibilitava encontrar outros Diretores. Consultando-se os registros oficiais das CC.MM. agregadas à Prima Primária, verifica-se que sómente em 1870 começam a reflorir as CC.MM. em nossa terra, depois da volta dos Jesuítas, começando-se então o segundo período.

52 O SEGUNDO PERÍODO

O Concílio Plenário Americano de 1899 nada fala das CC.MM., mas sabe-se que, em 1897, já existia com vida canônica a C.M. de São Conçalo, a primeira para rapazes em São Paulo, depois do renascimento mariano, porquanto em Itú já havia uma outra anterior, composta de colegiais.

A pastoral Coletiva dos Srs. Bispos das Províncias do Sul, em 1907 trouxe grande incremento para a vida mariana, recomendado aos jovens a prática da devoção a Nossa Senhora, segundo as Regras da

C.M. Alastra-se então pelo Brasil um verdadeiro incêndio de mariánismo. E a fita azul, como num amplexo, abraça o Centro, o Norte e o Sul do País.

53 ONDA AZUL

A onda azul do mariánismo não se detém. Em 1915, Olinda, Mariana e Santa Maria posuem as suas CC.MM. Depois Caetité (Bahia), Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis, em 1916. Em 1917 Belém lidera o mariánismo no Norte com 4 CC.MM.

Não podemos esquecer nesta renascença mariana o trabalho dos PP. Franciscanos. Em 1911, na ilha de Cairú (Bahia) fundam CC.MM. para meninos; em 1912 abrem no Convento de São Francisco de Assis da Bahia, a C.M. de São Luís, que passa a ter ereção canônica; em 1915 já trabalhavam os filhos do "Pocerello" em Petrópolis com um pugilo escolhido de congregados.

54 RECRISTIANIZAÇÃO DO BRASIL

No Brasil, como de resto nouros países, as CC.MM. determinaram um movimento religioso que avultou, se espraiou, que se rebusteceu e exerceu acentuada influência em todas as camadas da sociedade, empolgando de preferência as almas vibráteis e generosas da juventude.

A multiplicação das CC.MM. em todos os Estados do imenso território nacional, suas atividades e iniciativas no campo religioso as tornaram grandes beneméritas, pois constituiram fatores de grande valia para a recristianização de nossa Pátria. Suas atitudes desassombradas, suas afirmações fecundas e tão expressivas fizeram com que a Hierarquia e todos os que se interessavam pela regeneração espiritual da Pátria depositassem nelas as mais acendradas esperanças.

E a nota característica desta renovação cristã era a devoção especial a Maria SSma. a quem os brasileiros sempre dedicaram especial amor. Os congregados então faziam a todos viver o seu lema: *Ad Iesum per Mariam.*

Fazia-se, porém, mistér uma coordenação de tantas atividades, iniciativas, de tanto zélo e tanto amor. E tal aconteceu no terceiro período que abordaremos a seguir.

55 TERCEIRO PERÍODO: FEDERAÇÕES DIOCESANAS

O terceiro período do mariantismo no Brasil situa-se entre 1927 e os tempos atuais.

Desde o primeiro Congresso Católico de São Paulo (1901) despertara-se a idéia que sómente em 1927 frutificou: a primeira Federação de CC.MM. do Brasil.

Por ocasião do Centenário da canonização de São Luís Gonzaga e de São Estanisláu Kostka, numa assembléia geral presidida por D. Duarte Leopoldo e Silva, na Basílica de São Bento, no dia 12 de outubro, estando presentes os PP. José Visconti e Gastão Liberal Pinto, este último explanou o que antes havia proposto o Dr. Paulo Dutra, Presidente da C. M. de Sta. Efigênia, sobre a criação de uma Federação Mariana. A assembléia de pé e entusiasticamente aplaudiu tal idéia. E D. Duarte ratificou o projeto com uma bênção dizendo: "*Declaro fundada em minha Arquidiocese a Federação das CC.MM.*" Sem o saber estava demarcando uma etapa do marianismo brasileiro.

A Federação paulista ramificou-se logo pelas Dioceses com suas secções em todas as sedes do Bispado da Província, criando-se Federações Diocesanas para marianos e Filhas de Maria. E o exemplo de São Paulo foi seguido por outros Estados: em 1932 o Pe. Luís Riou, S. J. estabelece a do Rio de Janeiro com as bênçãos de D. Sebastião Leme. A seguir, Belo Horizonte, Recife, Fortaleza, Niterói e Florianópolis acompanham o mesmo exemplo. Com isto o movimento adquiriu a magnifica unidade de ação e objetivos que hoje tem. Mais adiante, com referência ao valor federativo e confederativo citaremos um fato acontecido no México com o Pe. Paulussen, atual Diretor do Secretariado Central das CC.MM.

56 EXPANSÃO HORIZONTAL

O movimento, com o advento das Federações alastrou-se num crescendo glorioso, atingindo seu ponto culminante por volta de 1934. É de notar-se que de 1933 a 1935 o Brasil ocupou sempre o primeiro lugar entre todas as nações no que respeita a aggregações de CC. MM. masculinas.

Em 1936, só o Estado de São Paulo contava 23.219 congregados. E o grande Diretor de CC. MM., Pe. Ireneu Cursino de Moura, S. J. impulsionou de forma maravilhosa o mariantismo no Estado bandeirante. Dêle é sobejamente conhecida a célebre frase: *"Retiro ou retire-se"*. E os congregados preferiam a primeira ordem, comparecendo aos milhares às casas de Exercícios Espirituais.

57 "DO PRATA AO AMAZONAS, DO MAR ÀS CORDILHEIRAS . . ."

Mas não sómente em São Paulo tal aconteceu; a mocidade brasileira vibrava de entusiasmo e arraigava-se nas fileiras da Virgem, cantando nas igrejas, nas praças e nas ruas

*"Do Prata ao Amazonas
do mar às Cordilheiras
Cerremos as fileiras
Soldados do Senhor."*

No Rio de Janeiro, mais de 2.000 congregados proclamam desassombradamente, em praça pública

sua fidelidade a Deus, à Igreja e à Pátria; em Belo Horizonte os congregados marianos têm a honra de verem entregue a si os mais difíceis encargos do Congresso Eucarístico; em Florianópolis, 2.000 congregados atendendo ao apelo de D. Joaquim Rodrigues de Oliveira promovem a I Concentração das CC.MM. catarinenses; em Pernambuco, à frente das grandes realizações católicas estão os congregados; no Rio Grande do Sul, exaltam-se as obras apostólicas dos marianos; na Bahia a C.M. goza de tão elevado prestígio que foi declarada "de utilidade pública"; no Ceará formam uma falange sempre decidida aos mais árduos empreendimentos pela causa de Deus; em Alagoas, a fundação da C.M. constitui saliente acontecimento na vida religiosa do Estado; no Pará e Maranhão, no Estado do Rio de Janeiro e em outros pontos do território nacional vão se firmando os congregados por uma vida verdadeiramente cristã e apostólica. As CC.MM. vão pontilhando de azul o mapa de nossa Pátria. É a realização esplêndida do que diz a primeira estrófe do Hino Oficial das CC.MM.: *"Do Prata ao Amazonas, do mar às Cordilheiras..."*

58 PRIMEIRA CONCENTRAÇÃO MARIANA NACIONAL

Sobre este grande acontecimento mariano, (1937, maio, 1, 2 e 3) melhor do que nós falará D. Sebastião Leme: *"Foi uma deslumbrante profis-*

são de fé". Esta definição, dada instintivamente por todos os que assistiram — como tivemos nós a felicidade de assistir — a I Concentração Nacional das CC.MM., caracteriza perfeitamente sua índole e suas finalidades, revelando ao mesmo tempo a razão da sua notável influência sobre os congregados e sobre a opinião pública.

A Concentração não foi um Congresso. Não houve sessões de estudo com leitura e discussão de teses. Nem foi uma reunião de técnicos e especialistas. Foi antes uma "parada festiva da mocidade brasileira"; uma afirmação de vitalidade cristã; uma atestação grandiosa da pujança primaveril do mariânismo nacional; um juramento de amor e de fidelidade a Cristo, à Virgem, à Igreja; um ato solene de piedade sincera, consciente, sem respeito humano, sem titubeação, numa atitude resoluta, enérgica, decidida.

Por isto, a I Concentração Nacional foi uma bênção do céu para as CC.MM., para a mocidade e para o bem espiritual da nação.

Calculou-se em 10.000 congregados participantes; 60 PP. Diretores; 10 Bispos e alguns representantes da Argentina.

E como fato histórico que perpetuou a lembrança e os frutos da I Concentração Mariana Nacional nos anais do mariânismo brasileiro tivemos a fundação da Confederação Nacional das CC.MM. do Brasil.

59 CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS CC. MM. DO BRASIL

De há muito havia surgido a idéia de conferdar as CC.MM. O extraordinário e rápido desenvolvimento do marianosmo brasileiro, seu progresso decidido e sua força expansiva, manifestado nas novas CC.MM. e nas Federações que se iam constituindo, realçavam a utilidade de uma Confederação e sua frisante oportunidade.

Entidade essencialmente coordenadora e orientadora, a Confederação Nacional aparece como um fator precioso de unidade para a realização conscientiosa do programa das CC.MM. e como uma fonte de energias e de confiança coletivas no ideal e nas atividades marianas. No segundo dia da Concentração — 2 de maio de 1937 — sob os auspícios e com as bênçãos de D. Sebastião Leme, foi ela fundada, mas a promulgação se deu a 16 de julho — dia Mundial dos Congregados. E no mesmo dia 16 foi nomeada e empossada a primeira Diretoria tendo como Diretor o Revdmo. Pe. César Daine-se, S. J. e Presidente o Dr. Augusto Paulino.

Com a fundação e instalação da Confederação Nacional das CC.MM., a revista *"Estrela do Mar"* passou a ser seu órgão oficial, ela que havia nascido em 1.º de julho de 1909 como simples boletim mensal da C.M. de São Gonçalo (Est. de São Paulo).

60 O TRABALHO DESTES DOIS ÓRGÃOS

Como é óbvio, intensificou-se o trabalho epistolar, especialmente junto às Federações. Depois as Concentrações Diocesanas e Estaduais. Esmerou-se a revista em fornecer utilíssimo material de formação e alargou-se o noticiário. Verdadeiro traço de união entre as Federações e estas com as CC. MM., constituiu e constitui ainda o serviço da Confederação Nacional. Organizou-se melhor o trabalho de agregações à Prima Primária.

Os trabalhos da II Concentração Nacional realizada por ocasião do V Congresso Eucarístico Nacional em Porto Alegre teve sempre à frente a Confederação Nacional. E nessa oportunidade D. Jaime de Barros Câmara assumiu juridicamente a sua direção.

E as atividades da Confederação Nacional continuaram: promoção de dois Congressos de Diretores de Federação: no Rio, em 1941 e em São Paulo, em 1947 e do Congresso Mariano Nacional de Petrópolis, em 1949. Participação oficial do Brasil nos Congressos do Apostolado Leigo, em Roma e nos Congressos Marianos Mundiais, em Roma e nos EE.UU. Organizou duas Assembléias Nacionais de Dirigentes Marianos (Rio, 1956 e Curitiba, 1959) com resultados magníficos.

Notadamente de 1914 para cá a revista *"Estrela do Mar"* vem orientando o movimento no plano nacional através de suas páginas sempre ricas de ma-

terial formativo e noticioso. Até 1950 a tiragem máxima foi de 6.000 exemplares. Depois passou a 15.000. Em 1954 já eram 30.000. E o número especial comemorativo do 50.º aniversário atingiu 50.000 que se espera não retroceda, mas pelo contrário, irá aumentando dia a dia.

Para maior irradiação da orientação mariana, ao redor da revista começou-se uma série de opúsculos da "Coleção Estréla do Mar", já com 11 folhetos de muita utilidade.

Eis no que tem redundado o nosso trabalho federativo e confederativo que é sempre alvo de elogiosas referências no mundo inteiro. E encerraremos este esboço histórico das CC.MM. no Brasil com a opinião do atual Diretor do Secretariado Central e Vice-Diretor da Federação Mundial das CC.MM., Pe. Luís Paulussen, S. J., respeitante ao movimento mariano brasileiro:

Quando, em 1955, de sua estada no México, perguntaram-lhe quais eram as melhores CC.MM. do mundo, ao que respondeu:

— "Se considerarmos o espírito, a formação, direi que são as da Espanha; se levarmos em conta o apostolado, especialmente o catequético, digo serem as do México. Mas se focalizarmos a organização, a união entre as CC.MM., não hesito em declarar que são as do Brasil."

E donde nos vem esta organização (ainda não ideal, confessemos) e esta união senão do movimento federativo e confederativo? Eis porque, obe-

dientes e na vivência consciente e carinhosa das Regras 1, 15, 33 e 68 ponhamos em prática o que nos ditou o Episcopado Nacional, reunido em Curitiba a 8 de maio de 1960:

"Para coordenar e orientar todo o apostolado externo das CC. MM., no plano diocesano, se faz mistér uma total e disciplinada colaboração das Congregações com suas Federações."

.....

"Não se esqueça, jamais, que todo o futuro das CC. MM. e sua autenticidade dependem de que elas, fiéis às próprias Regras e às diretrizes da BIS SAECULARI, se modelem por um cuidadoso critério de seleção, formação e apostolado".

.....

Porém — o que é o principal — muito mais do que o número de membros se hão de ter em conta as normas e leis (da C. M.) que, por assim dizer, levam pelas mãos os congregados àquela excelência de vida espiritual que os habilita a subir os cumes da santidade, graças especialmente ao uso

*daqueles meios dos quais é sumamente útil
estejam munidos os perfeitos e cabais se-
guidores de Cristo.*

(Pio XII — “Bis Saeculari”)

* * *



TERCEIRA PARTE

PERFIS DE MARIANOS CÉLEBRES



MARIA SANTISSIMA. Palma. • Ms. d. c. M.



Antes de apresentarmos um pequeno elenco de perfis de marianos célebres, reproduzimos esta alegoria muito sugestiva publicada há quase 50 anos na revista "*Estréla do Mar*": Maria, Rainha e Mãe das CC. MM.

Vemos Nossa Senhora de braços abertos abençoando e acolhendo sob seu manto os seus filhos queridos. Do lado esquerdo temos São José em companhia de alguns santos que fizeram parte das CC. MM.: São Francisco de Sales, padroeiro dos jornalistas; São João Berchmans, São Francisco Régis, São João Batista de Rossi e São Luiz Maria Grignion de Montfort.

Do lado direito, alguns que por diversos títulos foram Diretores de CC. MM.: São Francisco Jerônimo, São Pedro Canísio, São Bernardino Realino, Beato Antonio Baldenucci e por último Santo Afonso Rodrigues, tão zeloso pela C. M. da Ilha de Maiorca.

No plano inferior, diante do altar, vemos São Francisco de Bórgia, cujo título de Geral da Companhia de Jesus, o tornava Diretor de todas as CC. MM. fundadas à época em que foi feita a gravação. Sob seu governo elas tomaram grande incremento. É apresentado tendo na mão o retrato da Virgem SSma. (atribuído à São Lucas) porque foi êle o primeiro que o fez reproduzir.

A esquerda vemos agrupados alguns congregados ilustres dos séculos passados (alguns deles constam do elenco a seguir): São João Eudes, fun-

dador de Congregações Religiosas; Beato Júlio Maunoir, grande apóstolo da Bretanha; o pintor Pedro Paulo Rubens; Luís II, Príncipe de Condé; o grande orador sacro Bossuet; o Papa XIV, tendo na mão a célebre *Bula Aurea (Gloriosae Dominae)* e por último o Imperador Fernando III, da Áustria, que, entrando na C.M. não só se consagrou a si mesmo, mas também todos os seus súditos à Rainha do Céu.

A direita estão congregados do século XIV: o militar Georges, Marquês de Pimodan, morto em Castelfidardo em defesa dos Estados Pontifícios; amparando-o, atrás, outro zuavo pontifício, morto Jesuíta mais tarde, Teodoro Wibaux; Pe. Dufrière Desgenettes, fundador da Arquiconfraria de N. S. das Vitórias; Pe. de Ravignan; Cardeal Mermillod; Dr. Récamier inventor do espéculo; o célebre matemático Barão de Cauchy; Dr. Laennec, inventor do estetoscópio. Por último vemos dois meninos fazendo a sua consagração: um segura a fórmula e outro uma vela, notando-se no pescoço de ambos a fita com medalha, o que prova não ser descabido e vergonhoso o seu uso.

Claro é que não só na gravura como nesta meia centena de marianos célebres, cujos perfis apresentaremos, muitos nomes faltarão, como por exemplo: 42 santos e 45 beatos (aliás, publicamos seus nomes por ordem de nascimento em "Para Ser Dirigente" pgs. 210-6); os 17 Papas que nos brindaram com para mais de 120 documentos ou pronuncia-

mentos (ditos documentos e pronunciamentos também estão publicados cronologicamente em "Para Ser Dirigente" pgs. 187-209); 42 fundadores e fundadoras de Ordens e Congregações Religiosas; Mário Fani e João Acquaderni, autores da Ação Católica; a congregada Emilia Tamisier, idealizadora dos Congressos Eucarísticos Internacionais; os mártires do Japão, da Inglaterra, da Espanha, do México, da Hungria, da Polônia e outros países mais; os milhares de congregados e congregadas anônimos de que sómente Deus e a Virgem SSma. têm os nomes no elenco do céu.

Os perfis que apresentaremos em seguida, foram, em grande parte, tirados da obra do Pe. Werner J. Soell, S. J. e estão relacionados por ordem alfabética. (*)

Seguindo "a esteira gloriosa desses nossos antepassados levemos adiante cometimentos pela Glória de Deus, louvor à Maria SSma. e o bem das almas".

* * *

ADRIANO ALBERTO MARIA DE MUN (23-2-1841/6-10-1914) — Terminado o curso militar na Escola de Saint-Cyr prestou serviços na África e foi nomeado Ajudante Militar do Governador de Paris. Dedicou-se aos Círculos Católicos de

(*) Perfais e totalmente obedientes aos decretos de S.S. o Papa Urbano XIII, declaramos que apenas "é humana" se deve atribuir ao que relatamos nestes Perfis, não querendo, da forma alguma adiantarmos às decisões da Santa Sé.

Operários, lutando 40 anos no Parlamento pelos direitos dos trabalhadores, sendo por isto recebido por Leão XIII. Fêz parte da Academia Francesa.

AGOSTINHO LUIS, BARÃO DE CAUCHY (21-8-1789/22-5-1857) — Foi um dos maiores gênios matemáticos de todos os tempos. Com apenas 15 anos ganhou o cobiçado "Grand Prix d'Humanités", instituído pelo Imperador Napoleão. Em 1848 foi nomeado catedrático de Astronomia na Faculdade de Ciências.

ALEXANDRE FARNÉSIO, DUQUE DE PARMA E PIACENZA (27-8-1545/3-12-1592) — Sob o comando de João de Austria distinguiu-se na Batalha de Lepanto e nos anos seguintes tomou parte em memoráveis campanhas militares. Viu-se comandante em chefe das forças de Filipe II nas lutas contra os rebeldes dos Países Baixos. Foi o herói da tomada de Caudebec, sendo seriamente ferido no braço, do que resultou o apressamento de sua morte.

ALEXANDRE VOLTA (18-2-1745/5-3-1827) — inventor do eletróforo, do eletroscópio, da pistola elétrica, do eudiômetro, da lâmpada de ar inflamável, do condensador e da coluna ou pilha voltaica, i. é., a primeira fonte de uma corrente elétrica. E' cognominado "o pai da eletricidade" e ainda hoje, a inicial do seu nome, V, significando "volt" é escrita e lida vêzes sem conta.

CARLOS I, IMPERADOR DA AUSTRIA (17-8-1887/1-4-1922) — Abdicando ao trono Austríaco, tinha ainda domínio sobre o trono Húngaro. Traído pelo Almirante Herty, foi preso e colocado na alternativa de continuar no trono, mas dando liberdade à maçonaria para executar leis iníquas contra as escolas cristãs ou ser exilado para Funchal. Escolheu o exílio onde passou os últimos dias de sua vida no abandono e na pobreza.

CLAUDIO LUIS HEITOR, DUQUE DE VILLARS, PRÍNCIPE DE MARTIGUES e VIS-CONDE DE MELUN (8-5-1653/17-6-1734) — Quando da dissolução das CC.MM. de Militares da França por trabalho dos jansenistas, na qualidade de Marechal e Ministro da Guerra levantou-se intrépidamente em sua defesa. Distinguiu-se em diversas operações guerreiras: Holanda, Senef, Freiburg, Flandres, Reno, Malplaquet e Denain. Foi eleito par de França, recebeu o "Tosão de Ouro" e entrou para a Academia Francesa.

DANIEL JUDSON CALLAGHAN (6-7-1890/13-11-1942) — Após cursar a Academia Naval de Anápolis, serviu no "California", depois foi comandante do destroyer "Truxtum", Assessor Naval do Presidente Roosevelt. Como Almirante contra-atacou o golpe traiçoeiro dos japoneses à Pearl Harbour, mas veio a falecer na batalha de Guadalcanal, comandando a nave capitânea "San Francisco".

EDOUARD DE CASTELNAU (24-12-1851/19-3-1944) — Tomou parte na Guerra Franco-Ale-

mã e na I Guerra Mundial. Foi Comandante do Exército da Alsácia-Lorena e depois do 2.º Exército, debelando a situação crítica nos Balcãs. Defendeu com êxito Verdun. Depois da guerra, chegado ao generalato, entrou para a Câmara dos Deputados como representante de Aveyron.

EDUARDO HEISS (18-2-1806/30-6-1877) — Famoso astrônomo; dedicou-se à observação das estrelas cadentes, das manchas solares, das estrelas mutáveis, da Via-Láctea, da luz zodiacal e dos fenômenos crepusculares.

EMÍLIO VILLARET, S. J., PADRE (21-6-1876 4-3-1952) — Durante toda a sua vida dedicou-se de corpo e alma ao serviço das CC.MM. — O fundador do Secretariado Central das CC.MM., Pe. Wlodomiro Ledochowski, chamou-o, em 1929, para Diretor do mesmo Secretariado, quando então lançou os fundamentos da revista *"Acies Ordinata"*. Elaborou a obra histórica *"Les Congrégations Mariales"*, cujo primeiro volume lhe custou 12 anos de penosos e ininterruptos estudos. Escreveu também o *"Manual dos Diretores"*. Não fôra êle, este nosso modesto opúsculo não existiria.

ENGUELBERTO DOLFUSS (4-10-1892/25-7-1934) — Serviu como 1.º Tenente no corpo dos *"Kaiserschuetzen"*. Foi Presidente das Estradas de Ferro de Viena d'Austria, Ministro da Agricultura e depois Chanceler da República, quando lutou tenazmente contra os comunistas e nazistas. Por estes últimos foi assassinado.

EUGÉNIO FRANCISCO DE SABOYA-CARIGNAN, PRÍNCIPE (18-10-1663/21-2-1736) — Entre tantas campanhas heróicas, comandou as forças de Carlos Lorena na batalha que libertou Viena do perigo dos turcos. Governou os Países Baixos. Pedro, o Grande escolheu-o para o Trono da Polônia, honra que recusou. Até 71 anos foi soldado ativo.

FELIX LOPE DE VEGA Y CARPIO (25-11-1562/27-8-1635) — Um dos mais fecundos poetas do mundo. Só para o teatro estima-se que escreveu para mais de 2.000 peças e muitos e muitos volumes de poesia. Enviuvando pela segunda vez em 1613, tomou no ano seguinte, em Toledo, ordens sacras, sendo os seus últimos 21 anos de vida de digno e apostólico sacerdócio.

FERNANDO FOCH (2-10-1851/20-3-1929) — Marechal de França e Generalíssimo dos Exércitos Aliados na I Guerra Mundial. Presidiu às negociações do Armistício em novembro de 1918, e, no mesmo mês, foi eleito para a Academia Francesa.

FERNANDO II, IMPERADOR DA AUSTRIA (9-7-1578/15-2-1637) — Sucedeu a seu pai no governo de Estíria, Caríntia e Carniola. Fundou a Liga dos Arquiduques contra o Imperador Rodolfo II. Foi coroado Rei da Boêmia (1617) e depois também da Hungria. Foi eleito Imperador da Alemanha.

FERNANDO VERBIEST, PADRE (9-10-1623/28-1-1688) — Possuidor de grande talento mate-

mático e vastos conhecimentos tecnológicos e sociais empregou êstes dotes como missionário na China. O Imperador Kang-hi foi seu aluno e a seu pedido o Pe. Verbiest escreveu em língua chinesa lícros sobre matemática, geografia e astronomia. Construiu também instrumentos astronômicos. Foi nomeado Presidente do Colégio dos Astrônomos.

GABRIEL GARCIA MORENO (24-12-1821 6-8-1875) — Presidente da República do Equador, restabeleceu, como Governador Militar e Civil, a ordem em Guayaquil. Parlamentar, jornalista, general do Exército. Assistia à Missa diariamente e rezava o Térço com sua família. Usava, com exceção dos domingos, instrumentos de penitência. Foi assassinado, ao sair da Missa, pelo Capitão Faustino Rayo.

GASPAR MERMILLOD, CARDEAL DA SANTA IGREJA (22-9-1824/23-2-1892) — Vanguarda das lutas em prol do operário. Em discursos e escritos tratou das relações entre patrões e empregados.

HENRIQUE DE LA TOUR D'AUVERGNE, VISCONDE DE TURENNE (11-9-1611/2-7-1675) — Marechal de França e convertido do protestantismo ao catolicismo. Dele declarou Napoleão ser “o primeiro homem do século”.

HERBERTO VAUGHAN, CARDEAL (15-4-1832/19-6-1903) — Filho de uma abençoada união

que dos 13 filhos deu 6 sacerdotes (3 chegaram a dignidade episcopal) e 5 filhas religiosas. Esteve nas Américas Central, do Sul e do Norte. Fundou o Seminário de S. João Beda; colaborou no jornal "Tablet"; que mais tarde comprou; fundou a "Catholic Truth Society" que até hoje, com seus inúmeros opúsculos contribui para a conservação da fé e conversão dos protestantes.

HOMERO FIORI (24-11-1932/11-10-1959) — Engenheiro civil dos mais competentes. Pertenceu à JUC e à C.M. de Curitiba. Participou de Congressos e Encontros de sua classe e do movimento mariano, destacando-se sempre pelas suas qualidades excepcionais, sobretudo por uma vida interior profunda. Pouco tempo depois de se ter casado, faleceu num acidente ferroviário que consternou todo o Paraná e o Brasil. Por ter morrido em odor de santidade, a Federação das CC.MM. de Curitiba vem trabalhando para o seu processo de beatificação. Um folheto com o resumo de sua vida esgotou-se tão rapidamente que levou a Federação de Curitiba a lançar uma biografia mais alentada.

JACQUES-BÉNEGNE BOSSUET (27-9-1627 12-4-1704) — O maior dos oradores sacros de França, apelidado "Aguia de Meaux". Tentou reconduzir os protestantes à Igreja Católica.

JOÃO ANTONIO MCGUINNESS (16-8-1901 13-2-1946) — Funcionário público do Tesouro Nacional de Dublin. Depois de um Retiro Fechado se

fez Vicentino, entregando-se de corpo e alma à caridade. Ajudava as Missões, procurava meios para formação de sacerdotes pobres, pedia roupas usadas, sapatos e utensílios de uso doméstico para distribuição aos mais necessitados. Passava fome para dar mais aos pobres, o que lhe motivou a morte por avitaminose (pelagra). Podemos, pois dizê-lo, "mártir da caridade".

JOÃO BATISTA REUS, PADRE (10-7-1868 21-7-1947) — Após o 3.º ano de provação na Companhia de Jesus, foi enviado ao Brasil (1900) onde se dedicou durante 10 anos ao ensino e cura das almas. Grande Diretor de CC.MM., escreveu um "Catecismo das CC.MM.". e depois um "Curso de Liturgia". Morreu em odor de santidade. Veradeiras romarias se fazem ao seu túmulo junto a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em São Leopoldo, (Rio G. do Sul).

JOÃO D'AUSTRIA, DOM (24-2-1547/1-10-1578) — Com 23 anos foi nomeado capitão general do Mediterrâneo e do Adriático, combatendo os turcos e piratas do norte da África. Com a ajuda de Nossa Senhora obteve a brilhante vitória na Batalha de Lepanto, em 1571.

JOÃO IV (18-3-1604/6-11-1656) — Primeiro Rei da dinastia dos Bragança a subir o Trono de Portugal. Fundou uma C.M. para Pagens no Palácio Real. A ele o Brasil, em grande parte, deve sua integridade nacional, pois o defendeu dos espanhóis e holandeses.

JOÃO III SOBIESKI, REI DA POLÔNIA
(2-6-1624/17-6-1696) — Derrotou os turcos em Choczin (1673) onde morreu o Rei Miguel Korybut. Abandonando 16 candidatos ao Trono vago, a dieta propôs o nome do vencedor de Choczin que foi eleito "*nemine contradicente*". Mais tarde inípôs definitiva derrota ao poderio militar de Kara Mustafá. Seu nome será sempre lembrado quando se enumerarem os grandes monarcas guerreiros.

JOÃO TSERCLAES, CONDE DE TILLY
(1559/30-4-1632) — General intrépido da Guerra dos Trinta Anos. Reorganizou o exército da Baviera a convite do Duque Maximiliano. A Enciclopédia Espasa-Calpe caracteriza assim este grande militar: "Tilly odiou sempre o fausto e as distinções honoríficas e negou-se a enriquecer-se com as presas da guerra".

JORGE GUYNEMER (24-12-1894/11-9-1917) — Chamado o "Ás dos Ascens" da I Guerra Mundial. Não chegou a completar 23 anos e obteve 21 citações, sem contar as condecorações e promoções. Obteve 54 vitórias sobre o inimigo, tendo o Parlamento Francês colocado seu nome no Pantheon. O interessante é que geralmente operava sózinho, sendo a um só tempo piloto, observador e atirador. Fazia as mais loucas acrobacias, numa técnica própria de ataque.

JORGE, MARQUÊS DE RARECOURT DE LA VALLÉE DE PIMODAN (1822/18-9-1860) — Intrépido militar francês que foi Ajudante de Cam-

po do Marechal Radetzky. Lutou contra os hungaros, sendo encarcerado em Peterwardein ao ser gravemente ferido na batalha de Moor. Desligou-se depois do exército austríaco. Lutou bravamente contra os piemonteses que cobiçavam os Estados Pontifícios, morrendo heróicamente em Castelfidardo, pois com 5.600 homens enfrentou 45.000.

JOSE CLAUDIO ANTELMO RÉCAMIER (6-11-1774/22-6-1852) — Habilíssimo cirurgião e inventor do espéculo (instrumento para observar certas cavidades do corpo). Foi catedrático da Escola de Medicina de Paris e do Colégio de França, médico de príncipes e reis e autor de numerosas obras científicas. Repartia com os pobres grande parte dos seus lucros.

JOYCE KILMER (6-12-1886/30-7-1918) — Filho de pais protestantes, tornou-se católico ao casar-se. Jornalista dos mais proeminentes do corpo de redação do "New York Times", do "New York Times Magazine", do "Times Review of Books" e "Literary Digest". Os maiores louros, porém, granjearam-lhe suas obras poéticas. Como Correspondente da I Guerra Mundial, no posto de Sargento Graduado, morreu na Batalha de Seringes (França).

JUAN DONOSO CORTÉS (6-5-1809/3-3-1853) — Primeiro Marquês de Valdegamas, Ministro Plenipotenciário da Espanha em Berlim. Escreveu o célebre "Ensayo sobre el liberalismo, el catolicismo y el socialismo", obra que despertou as consciências católicas de então. Seus discursos valeram-lhe a

comparação com Demóstenes e Cícero e eram publicados em vários jornais. Foi Embaixador em Paris.

JUAN VASQUEZ DE MELLA Y FANJUL (1861/26-2-1926) — Jornalista e eloquente orador. Verdadeiro mestre em tratar assuntos políticos e literários. Formado em Direito, dirigiu o "Diário de Galicia". Deputado em 1893 e num único mês pronunciou 120 discursos. Aos 34 anos recusou o cargo de Ministro da Justiça de Espanha. Membro da Real Academia Espanhola. Escreveu, nos últimos dias de sua vida, a obra "Filosofia da Eucrisia".

LADISLAU IV, REI DA POLÔNIA (1595-1648) — Ganhou para a Polônia os ducados de Esmolensco e Czerniechov. Lutou tenazmente contra os russos, turcos e suecos. Sofreu ao fim de sua vida grandes tribulações, pois o povo revoltou-se contra seu Rei desanimando pelas muitas guerras. Quando se preparava para sufocar a revolta morreu, em Merecz.

LEOPOLDO I, IMPERADOR DA ALEMANHA (9-7-1640/5-5-1705) — Defendeu seu país contra os suecos e turcos. Fundou a Universidade de Innsbruck e de Breslau. Favoreceu as artes, letras e a instrução em geral. Consegiu restituir à Austria sua posição importante.

LUIS GASTÃO DE SONIS (25-8-1825/15-8-1887) — Formado pela Escola Militar de Saint-

-Cyr, lutou contra os austriacos na Itália e defendeu a França, na África, comandando uma divisão de cavalaria. Aí, na Batalha de Loigny, perdeu uma perna, o que, no entanto, não o impediu de continuar montando. Os últimos meses de vida do General de Sonis foram de grandes sofrimentos.

LUIS HUBERTO GONÇALO LYAUTHEY (13-11-1854/27-7-1934) — Marechal de França. Escreveu o livro "*Du Rôle social de l'officier, dans le service militaire universel*". Prestou serviços em Tonquin (Indo-China), Madagascar e pacificou o Marrocos. Foi eleito membro da Academia Francesa.

LUDWIG PFYFFER (1530/16-3-1594) — Soldado e estadista proeminente. Carlos IX repetidas vezes afirmou que devia sua coroa à bravura e fielidade de Pfyffer. Lutou contra os huguenotes (1567). Uniu os setes cantões suíços na chamada "Aliança Áurea", em 1586.

MANOEL FELISBERTO DE SABÓIA (1528-1580) — Tomou parte nas batalhas de Noerdringen e Muehlberg. Comandou os exércitos espanhóis de 1553 a 1559. Ganhou a batalha de Saint-Quentin. Lutou contra a seita fanática dos valdenses. Escreveu durável obra como legislador e homem de Estado.

MATEUS JOÃO FELICIDADE, DUQUE DE MONTMORENCY-LAVAL (1766-1826) — Serviu no Regimento de Infantaria de Auvérnia, do qual seu pai era Comandante. Tomou parte nas guerras

de independência da América do Norte. Voltando à França foi nomeado Governador de Compiègne. Mais tarde foi Ministro do Exterior e presidente do Conselho. Em 1825 tornou-se membro da Academia Francesa.

MATT TALBOT (1856/7-2-1925) — Operário irlandez. De comunhão diária. Em 30 anos de trabalho nunca chegou, pelo menos atrasado, um dia sequer. Depois de sua morte constataram que usava em seu corpo instrumentos de penitência.

MIGUEL ANTONIO CARO (10-11-1843 5-8-1909) — Literato de exímio valor, sendo por isso nomeado membro da "Real Academia Espanhola". Colaborou na criação da sua congênere colombiana. Fundou o periódico "*El Tradicionalista*", Traduziu para espanhol as obras de Virgílio e escreveu obras filosóficas. Em 1886 redigiu a Constituição da Colômbia, ainda hoje em vigor, apenas reformadas em alguns pontos. Como Vice-Presidente da República assumiu à Presidência por falecimento de Rafael Nuñez, em 1894.

PEDRO CALDERÓN DE LA BARCA (17-1-1600/25-5-1681) — O maior poeta nacional de Espanha, símbolo do seu povo e de sua época. Seus Autos Sacramentais são de profunda riqueza teológica. Em 1650 ordenou-se sacerdote, sendo-o dignamente durante os últimos 30 anos de sua vida.

PEDRO PAULO RUBENS (29-7-1577/30-5-1640) — Célebre pintor de tantas obras, inclusive "Triunfo da Eucaristia". De comunhão diária e vi-

da particular exemplar. Dêle disse Ludwig von Pastor (o grande historiador dos Papas); Foi católico convicto e prático. Todos os dias assistia à Santa Missa, antes de ir ao trabalho".

PIERRE CORNEILLE (6-6-1606/1-10-1684)

— Célebre dramaturgo que elevou o teatro francês à altura clássica. Sua mais famosa obra talvez seja 'Cid'. Sua comédia "Mélice" atraiu as atenções de Richelieu que o fez incluir no número dos "cinco Poetas Palacianos", dando-lhe uma pensão. Como mais tarde Richelieu quis modificar seus escritos, altivamente renunciou à pensão. Traduziu em versos a "Imitação de Cristo".

RENATO TEÓFILO JACINTO LAENNEC (17-2-1781/13-8-1826) — Foi o inventor do estetoscópio, de tanta utilidade na medicina. Com 20 anos apenas recebeu os Prêmios de Medicina e Cirurgia da Universidade de Paris. Distinguiu-se em anatomia patológica e na prática auscultatória, tendo em numerosos escritos condensado os resultados de seus estudos.

RENÉ DESCARTES, SENHOR DU PERRON (1596/11-2-1650) — É chamado o "Pai da Filosofia Moderna". Em 1637 publicou o seu famoso "Discours de la Méthode". Este livro foi uma revolução e causa de muitas revoluções. Em 1649 a Rainha Cristina da Suécia o chamou para Estocolmo a fim de alí fundar a Academia.

TIAGO SALES, PADRE (21-3-1556/7-2-1593)

— Teve a honra de ser recebido na C.M. pelo seu

fundador João Leunis, em Billon. Ordenou-se sacerdote mais tarde, sendo um dos mais respeitáveis teólogos da época. Por não querer renegar o que escrevera sobre a presença real de Jesus Cristo foi feito mártir da Eucaristia.

TORQUATO TASSO (11-3-1544/25-4-1595) — Um dos maiores poetas cristãos de todos os tempos. Autor de *"Jerusalém Libertada"*. O Papa Clemente VIII conferiu-lhe a maior distinção concedida a um poeta: a coroação no Capitólio, honra que desde Petrarca mais ninguém alcançou.

* * *



ÍNDICE

	Pg.
Apreciação de D. José Felix Gawlina.....	3
Prólogo	5
Homenagem ao R. Pe Emílio Villaret, S. J.	6
Conceitos do Exmo. e Revdmo. Bispo de Bilbao	7
Bibliografia	8
 1.ª PARTE	
Histório Geral das CC. MM.	9
 2.ª PARTE	
As CC. MM. no Brasil.....	59
 3.ª PARTE	
Perfis de Marianos Célebres	81

DO MESMO AUTOR

"A MISSA. Explicação Prática aos Fíes"

Já em suas de 2ª edição, revista e aumentada, contendo subsídios para Explicadores e Locutores de Missa, sugestões para Cursos, Conferências e Debates. Reproduz dois graficos dos Benedictinos: sobre o Ano Litúrgico e sobre a estrutura externa do Santo Sacrifício, bem como partituras de uma "Missa Comunitária". A Federação dos CC MM do Rio de Janeiro adotou-o como livro de texto dos seus Cursos Intensivos de Explicadores de Missa. É uma grande contribuição ao movimento de divulgação litúrgica que ora se processa de forma tão necessária. E está rigorosamente dentro das prescrições da "Instrução" da Sagrada Congregação dos Ritos, sobre a música sacra e a liturgia.



Coleção ESTRELA DO MÁR

Opúsculos da série FORMAÇÃO

VIDA MARIANA — Pe. Paulo J. de Souza, S. J. Vice-Diretor da Confederação Nacional das CC.MM. do Brasil. — Catecismo de orientação mariana.

AS CC.MM. NA VIDA ATUAL DA IGREJA — quatro conferências sobre a natureza das CC.MM., pronunciadas no Brasil, pelo Pe. Luiz Paulussen, S. J., Vice-Diretor da Federação Mundial das CC.MM. Precede uma conferência de Sua Excelentíssima Revdmo. D. José Felix Gawlina, Diretor da Federação Mundial das CC.MM., pronunciada na Concentração Mariana na Praça de Congresso durante o 36º C. E. I., em 1955.

MEDITAÇÃO — Pe. Valério Alberton, S. J., Diretor da Federação das CC.MM. de Curitiba. — Orientação para a meditação diária do congregado.

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS — Pe. Leonel Frahma, S. J. — Ligeiro folheto do grande pensador Jesuíta contendo rápida análise sobre os Exercícios Espirituais de Santo Inácio.

DIZE-ME O QUE LER — Pe. Valério Alberton, S. J. — Orientação sobre a boa leitura e a leitura espiritual diária.

MANUAL DO CANDIDATO — Pe. Paulo J. de Souza, S. J. — Breve catecismo para Exame dos Candidatos — Principais Regras dos Congregados e Ofício da Imaculada Conceição com algumas notas explicativas.

"Bis Saeculari" — CARTA MAGNA DAS CC.MM. — Pe. Valério Alberton, S. J. — Texto e comentário do maior documento sobre as CC.MM.

PARA SER DIRIGENTE (Manual Prático) — Antônio Maia — Secretário da Conf. Nac. das CC.MM. — Orientações sobre a organização do movimento mariano.

A MISSA. Método Prático para Explicação aos Fidéis — Antônio Maia — Subsídios para Explicadores e Locutores de Missa e para Cursos, Conferências e Debates.

BREVE HISTÓRIA DAS CC.MM. — Antônio Maia — Histórico Geral, as CC.MM. no Brasil e perfis de marianos célebres.

ROTEIRO MARIANO — Pe. Paulo J. de Souza, S. J. — Sugestões para Cursos de Formação de Dirigentes.